



UNIVERSIDADE-EMPRESA CONSOLIDAM INTEGRAÇÃO



Prof. Marcionilo Participa de Seminário e Observa Computação

O Reitor Marcionilo de Barros Lins, participou de um seminário realizado no Instituto de Ciências do Sistema, em Los Angeles, de 14 a 27 deste mês.

Observou o alto dirigente da UFPe. o funcionamento dos Centros de Computação de universidades americanas e canadenses, principalmente as uni-

versidades de Nova York, Michigan, Central de Los Angeles, Waterloo e Toronto.

Pretende o Prof. Marcionilo adquirir equipamentos semelhantes aos daquelas instituições, para o Centro de Processamento de Dados da UFPe., de forma a dinamizar todos os trabalhos administrativos e relacionados com o Controle Discente.

Sucupira Analisa Progresso da Educação nos últimos dez Anos

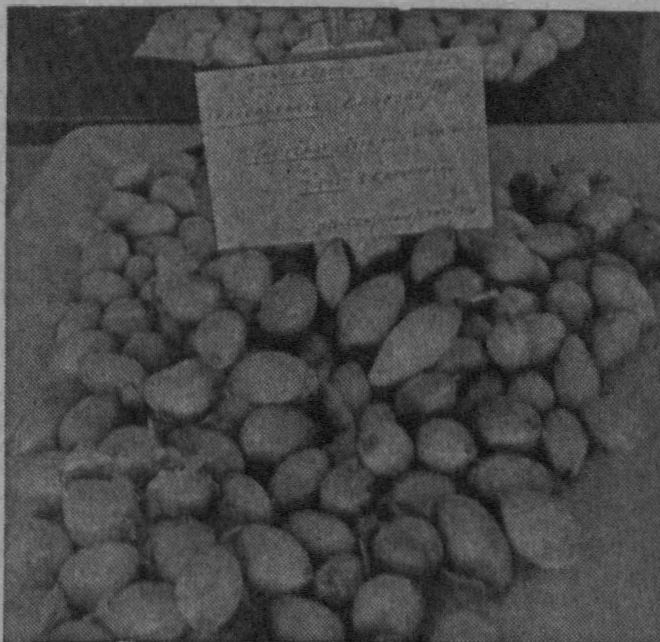
O Prof. Newton Buarque Sucupira, Presidente do Birô Internacional para Educação, da Unesco, afirmou que o Brasil é o país que apresenta o maior índice de desenvolvimento educacional, nos últimos dez anos, em todo o mundo, e que a Reforma Universitá-

ria Brasileira já serve de modelo para outros países, como é o caso de Portugal. Ele fez a conferência de encerramento do 3º Ciclo de Estudos sobre Liderança Comunitária, promovido pelo DCE da UFPe.. (Mat. na pag. 3)

Centro Reúne Autoridades e Discute Energia Nuclear

Com palestras realizadas pelo Vice-Governador do Estado de Pernambuco, Professor Barreto Guimarães, pelo representante do Ministro da Agricultura, dr. Irineu Cabral, presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agro-Pecuária, e pelo Deputado Federal, Marco Antônio Maciel, além de outras autoridades, o Centro de Energia Nuclear da Universidade Federal de Pernambuco realizou, na primeira semana deste mês, a II Semana de Integração de Estudos Nucleares.

O Professor Barreto Guimarães fez uma detalhada apreciação sobre o Complexo Industrial de Suape, ressaltando a sua notável importância para o desenvolvimento de Pernambuco, em particular, e do Nordeste, em geral. O dr. Irineu Cabral falou a respeito dos grandes planos agrícolas desenvolvidos pelo Governo Brasileiro, enquanto o Deputado Marco Antônio Maciel apreciou "O Emprego da Moderna Tecnologia Agrícola — sua importância para o êxito do modelo brasileiro de desenvolvimento".



Para a execução do Subprojeto do Departamento de Assuntos Universitários, integrante do Projeto 16 do Plano Setorial de Educação e Cultura do MEC, biênio 73/74, visando à integração Escola-Empresa-Governo, foram assinados termos aditivos ao convênio anteriormente celebrado entre a UFPe. e o Instituto Euvaldo Lodi.

O termo aditivo geral estabelece as condições estruturais básicas de ação conjunta — UFPe. e o IEL/Pe. — para realização das atividades de integração Escola-Empresa-Governo, em Pernambuco, promovendo o intercâmbio entre a Universidade e a Indústria. Possibilitará ao estudante a realização de estágio supervisionado, em empresas públicas e privadas, na área do Grande Recife.

TAREFAS

Caberá à UFPe., entre outros pontos, convocar os estudantes, de acordo com as ofertas de estágio feitas pelo empresariado, manter um cadastro atualizado, realizar a seleção curricular dos candidatos inscritos, supervisionar didaticamente os estagiários, pondo à disposição do Programa professores universitários que se responsabilizarão pela subcoordenação para supervisão didática.

O Instituto Euvaldo Lodi tem a tarefa de realizar levantamento do mercado de estágio para universitários, junto às indústrias, encaminhando à Universidade as ofertas feitas pelo empresariado; selecionar psicologicamente os candidatos; ministrar o treinamento-attitudinal para os selecionados; supervisionar administrativamente o estágio; complementar os vencimentos dos subcoordenadores para supervisão didática, responsabilizando-se, portanto, pela coordenação geral do programa de treinamento profissional.

Os termos aditivos foram assinados pelo Reitor Marcionilo de Barros Lins e pelo industrial Miguel Vita, representando o IEL.



Estudantes elegem em Festa a sua Rainha-73

Em concurso dos mais concorridos, com 24 candidatas representando diversas Faculdades da capital e do interior, a jovem Louise Maria Goldstein Costa, do Curso de Bacharelado em Direito da Universidade Católica de Pernambuco, foi eleita "Rainha-Universitária-73", promoção do Diretório Central dos Estudantes da U.F.Pe. A festa foi realizada no Clube Internacional do Recife.

O segundo lugar foi conquistado pela jovem Maria do Socorro Pinto de Araújo, aluna do Curso Superior de Educação Física da U.F.Pe., recebendo uma passagem aérea de ida e volta a Salvador, com direito a acompanhante, enquanto a nova Rainha foi contemplada com uma passagem para o Rio de Janeiro, com as mesmas vantagens.

JURI

A comissão julgadora foi constituída das seguintes autoridades: Reitor e Senhora Marcionilo de Barros Lins; Comandante Carvalho Leme; Prof. Armando Samico, Pró-Reitor Comunitário; Fernando Raposo; Hemé Pessoa; Ricardo Pinto; Maria Luiza; Thaís Notari; Elmo Cândido Carneiro e Marcellio Campos.

Com 23 anos de idade, 3º ano de Bacharelado, 1,71m de altura, 63 quilos, olhos castanhos e cabelos caídos sobre os ombros, Louise Maria Goldstein ganhou a preferência dos jurados e também do grande público que encheu as dependências do Internacional, ao desfilar na passarela com elegância e desembaraço. Recebeu a faixa da sua antecessora Marinalva, da Faculdade de Ciências Médicas.

As demais candidatas: Francisca Vieira de Azevedo, Faculdade de Farmácia da UFPe.; Lúcia de Fátima A. Santos, Medicina da UFPe.; Olinda de Holanda Cavalcanti, Nutrição da UFPe.; Maria de Fátima Bandeira Beltrão, Enfermagem da Fesp; Maria de Fátima Ferreira da Silva, Nutrição UFPe.; Angela Maria Gonçalves Lopes, Administração de Olinda; Eliane de Siqueira Brasileiro, Biomédicas da UFPe.; Madilene Tigre Paes Galdino, Comunicação da Fafire; Sandra de Arruda Beltrão, Enfermagem da UFPe.; Rejane da C. Cavalcanti de Souza, Faculdade de Formação de Professores de Vitória de Sto. Antão; Maria do Carmo Araújo de Souza, da Politécnica; Luzimar de Sá Vilela, Administração da UFPe.; Sílvia Fernandes Guerra Holder, Psicologia da Fafire; Jacelma Maria Pimentel dos Santos, Odontologia da UFPe.; Verônica Maria Silva, Veterinária da UFRPe; Margarida Maria de Araújo, Direito de Olinda; Maria das Graças Ferreira de Siqueira, E. Sociais de Olinda; Maria da Esperança Borges de Moraes, Economia da UFPe.; Gláucia Maria Gomes, FAGN; Lygia Maria de Godoy Batista, Direito da UFPe.; Gildete Alves Bezerra, ESRP; e Vânia Maria Mendonça Lopes, C. Médicas da Fesp.

"CAMPUS UNIVERSITÁRIO E TRÓPICO"

Estudos humanísticos vistos durante seminário literário

"Os estudos humanísticos contribuem para um maior conhecimento do homem, revelado através da literatura, da linguagem simbólica, do poema, de tudo aquilo que se pode definir como a própria história do espírito humano. São os estudos literários que dão a um povo a oportunidade de fazer com que outros povos conheçam seus poetas, seus romancistas, seus dramaturgos, a alma do povo, enfim".

São palavras do professor César Leal, pronunciadas durante a abertura do I Seminário Brasileiro de Crítica e Teoria da Literatura, no Salão Nobre da Universidade Federal de Pernambuco. A abertura foi presidida pelo Vice-Reitor da UFPE, Professor Rômulo Maciel. O Pró-Reitor para Assuntos de Coordenação e Intercâmbio Científico, Paulo Maciel fez uma breve apresentação dos conferencistas do Seminário, dando-lhes as boas vindas.

NA APARENCIA

O Professor e poeta César Leal, coordenador do certame, afirmou, ainda, que "nas nações altamente desenvolvidas, só na aparência, os estudos literários e a produção intelectual se encontram sem a proteção dos governos. A idéia de que os Estados Unidos não dão importância às artes e às letras, é falsa, perigosamente falsa. No Brasil, essa idéia encontra hoje muitos adeptos, porque somos um país que possui a imagem irreal daquilo que efetivamente se pode definir ou conceituar como literatura".

"Todos os brasileiros — prosseguiu — possuem certas veleidades literárias, mesmo inconscientes, e é isso que os torna péssimos expositores como cientistas, matemáticos, engenheiros, etc. Quando escrevem, enchem sua prosa de um ranço poético, que logo denunciam suas intenções literárias. Disso nasce a idéia de que literatura não exige conhecimentos especiais, mas apenas dom, um dom que quase todo brasileiro possui pela graça de Deus. A literatura porém, não é isso".

E adiantou: "A Literatura — como as demais manifestações do espírito em todos os planos da cultura — nunca é inteiramente consciente, surgindo, na maioria das vezes, sem o estímulo da ação governamental. Como disse inicialmente, o mesmo não ocorre com relação às críticas e à técnica, porque estas precisam de apoio e organização oficial do mais elevado nível".

Gama fala sobre a importância da Química no desenvolvimento

A importância da Química no desenvolvimento é um fato incontestável, do conhecimento de todos, bastaria lembrar o papel da química nas novas indústrias — afirmou o Prof. Arnóbio Marques Gama, coordenador do curso de pós-graduação em Físico-Química da Escola de Química da Universidade Federal de Pernambuco.

A pós-graduação — aduziu — dá uma tal amplitude de conhecimentos que capacita o técnico brasileiro a não apenas utilizar os processos clássicos, mas a chegar à descoberta de novos caminhos, ao emprego de métodos de maior rendimento no seu campo específico.

Dois Cursos de Pós-graduação.

A Escola de Química mantém dois cursos de pós-graduação: o de Físico-Química já mencionado e o de Química-Orgânica iniciado recentemente, coordenado pelo Prof. Alexandre Schuler.

O corpo docente dos cursos pós-graduados é formado por uma equipe de alto gabarito pela especialização de seus

membros: Prof. Ricardo Ferreira, doutor em ciência, e orientador científico, Carlos Costa Dantas (Ph.D.), Lawrence Nielsen (M.Sc.), March Brim (Ph.D.), Carlos Edson Lopes (M.Sc.), Maurício Domingos Coutinho Filho (M.Sc.), Mahommed Y. Sameah, (Ph.D.), Gene Barnett, (Ph.D.), professor visitante, e Gilberto Fernandes Sá também visitante, da Universidade de Fortaleza.

Um curso de nivelamento de 6 meses é também mantido pela Escola e tem a coordenação do Prof. Euler da Silva Maia.

Os cursos de pós-graduação em Química têm por objetivos suprir as necessidades da Indústria brasileira e dotar as Universidades do país do elemento humano treinado e qualificado para as necessidades técnicas e de pesquisas especializadas no campo da ciência, além de pessoal capacitado para o ensino.

Vários alunos já se encontram na preparação de suas teses de mestrado. São eles: Carlos Carvalho do Nascimento, Alfredo Arnóbio de Sousa Gama, Antônio Vicen-

ORÇAMENTOS

Mais adiante, César Leal observou que, "toda universidade moderna devia consignar em seus orçamentos verbas específicas para assegurar a participação de seus professores em reuniões de especialistas e eruditos em literatura. Essas reuniões são mais raras na área de humanidades do que na das ciências e, por isso mesmo, os professores de língua e literatura não deviam faltar a elas. A falta de compreensão desses problemas, a ausência nas reitorias de assessoramento de alto nível em assuntos literários, fazem com que reuniões desse tipo sejam consideradas pelos Conselhos Financeiros mero turismo, e o resultado é a desinformação total dos professores em relação ao que ocorre nos Congressos em áreas vitais do conhecimento".

Citando T.S. Elliot, acrescentou: "Sou de opinião que é necessária pelo menos uma reunião por ano dos homens de letras para tornar possível a circulação de idéias, enquanto estas ainda estiverem novas. Os editores de revistas, os professores de literatura deviam poder conhecer-se pessoalmente, visitar uns aos outros, conversar uns com os outros e trocar idéias de toda a espécie durante essas conversas, através dessa cooperação, dessa amizade entre homens de letras, toda a cultura literária se tornaria publicamente conhecida através de obras que não têm significado apenas local, mas também europeu", ou mundial, diríamos nós".

PROGRAMA

O I Seminário Brasileiro de Crítica e Teoria da Literatura contou com o seguinte programa: "Dia 15, instalação e conferências do Professor João Alexandre Barbosa, sobre "Significação e Metáfora: Algumas reflexões entre Literatura e Sociedade" e do Professor Bernard Laubié, sobre "Evolução da nova crítica na França". No dia 16, a Professora Maria Luiza Ramos e Lucas fez uma conferência sobre "O Método Fenomenológico na Investigação de Textos Poéticos", e o Professor Lourival Vilanova dissertou sobre "Notas para um Estudo das Relações entre Cinema e Literatura: esboço fenomenológico". O Professor Benedito Nunes falou no dia 17, abordando o tema "Conceito de Estrutura e Forma Literária", seguido no dia 18 pelo professor Afrânio Coutinho que fez conferência sobre "Que Teoria Literária se deve ensinar no nível de graduação?". No dia 19, falaram os professores Sônia Bayer, sobre "O Narrador Auto-consciente em Machado de Assis" e Wilson Guarany, sobre "Elementos Para uma Semiótica do Texto Literário".

te Marrocos de Andrade, Maria Célia Pires Costa, Hugo Valpasso Vieira, Nilton César Costa e Sônia Romero Costa.

43 Anos de Existência

A Escola de Química da Universidade Federal de Pernambuco surgiu em janeiro de 1920, quando o governo da União subvencionou a Escola de Engenharia para manter um curso de Química Industrial. Esse curso foi depois transferido para a Escola Superior de Agricultura.

Em março de 1948, foi constituída em entidade autônoma com o nome de Escola de Química de Pernambuco, em junho de 1949, incorporada à Universidade do Recife.

Finalmente, foi federalizada pela Lei nº 1254 de 4 de dezembro de 1950. A sua finalidade é formar engenheiros químicos, químicos industriais, licenciados em Química.

A Escola hoje integrada à Universidade Federal de Pernambuco, em prédio próprio no "campus" universitário e tem a direção do Prof. Herminio Fausto Bulhões.

"Parece-nos que só um comportamento generalizado de pesquisa, capaz de dinamizar as universidades como órgãos produtores de conhecimento, poderá gerar a motivação, necessária à criação de um clima de trabalho dentro das universidades que transforme essa atividade humana ou leve o homem a aceitá-la como uma atividade normal, que poderá lhe trazer tanto prazer e satisfação quanto uma daquelas atividades de lazer".

A opinião é do professor Zildo Sena Caldas, da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco, na última reunião do Seminário de Tropicologia, presidido pelo escritor Gilberto Freyre, quando abordou o tema "Campus Universitário e Trópico". A conferência foi comentada pelos professores Roberto Mota e Expedito Fonseca.

Mais adiante, o conferencista salientou que, "a natureza, tendo sido através dos tempos a grande fonte de inspiração do homem, nas suas atividades de criação, assiste o afastamento do seu inspirado, sob o pretexto das mais diversas alegações: espaço vital, rentabilidade econômica, fenômeno de conurbação, etc. Mas, o que é mais grave, na medida em que avança tecnologicamente, o homem não apenas se afasta da natureza, como incoerentemente entra em choque com ela, provocando o seu desequilíbrio, pelo que paga, não raramente, altos preços".

E interrogou: "Quem, senão as universidades, pode e deve assumir a liderança dos movimentos que façam a

humanidade voltar a se harmonizar com a natureza? Mas, como orientar o homem no sentido de se harmonizar com a natureza, se o próprio orientador teimar em se apartar dela? Por essa razão, insistimos em afirmar: onde, senão nos "campi" universitários, devem ser lançados os exemplos mais objetivos de tais movimentos?".

DIRETRIZES

Esclareceu, ainda, que "em seu campus, uma universidade poderá apresentar a sabedoria das suas diretrizes: pelo respeito ao equilíbrio dos ecossistemas, preservando o ambiente natural ou estimulando a recuperação das áreas devastadas. "E afirmou enfaticamente; "O campus universitário será um dos pontos fundamentais da nova universidade".

"Em verdade, — disse — a integração física do campus, que há de gerar uma adequada ambientação, deverá refletir a integração funcional de todos os seus órgãos. E muitas mudanças terão de ser introduzidas até que as universidades deixem de se chamar arquipélagos universitários, tais as características de ilhas que possuem os seus departamentos".

"Que hábito, — adiantou — quase vício, não poderá ser incutido em um usuário de um campus universitário, que, dia a dia, sinta penetrar pelos olhos, a imagem, sem poluição visual, de um harmonioso conjunto, cuja integração com a natureza delixe dúvidas sobre a sua origem: a edificação que se fez natureza ou a natureza que fez brotar a edificação?".

Gilberto apresenta Zildo Caldas

COMENTARIOS

Ao apresentar o Professor Zildo Sena Caldas, o Diretor do Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco, escritor Gilberto Freyre, afirmou que o "conferencista de hoje — arquiteto que é também, à base do saber sério, humanista científico — dá início à sua brilhante conferência versando o problema — que não será objeto de discussão nesta reunião — da importância que deve ser atribuída à pesquisa num complexo universitário do qual o campus — deve-se salientar a propósito desse assunto — é expressão de valor mais do que paisagístico e também mais do que educativo".

"É assunto controverso, — salientou — esse da importância que em tal complexo deve ser atribuído à pesquisa como atividade extradidática. Não faz muito tempo, considerou-o, num dos ensaios que constituíram todo o número especial da excelente revista de cultura que é *Desdalu* — número dedicado às funções das modernas universidades — um dos mais eminentes educadores dos Estados Unidos, destacando o perigo que representa para o ensino — segundo não poucos educadores de hoje, a principal missão de uma universidade — de atividade pesquisadora transdidática que se desenvolva demasiadamente dentro de um complexo universitário, com sacrifício daquela outra: a mais especificamente atividade universitária que é a didática".

O Professor Roberto Mota, comentando a conferência de Zildo Sena Caldas, disse: "Em nada discordo da exposição do arquiteto Zildo Sena Caldas, que situa os problemas do "campus" no trópico com grande exatidão. Gostei ainda mais do que ele disse, por ver um arquiteto salientar, do ponto de vista de uma ciência e de sua arte, aspectos de organização espacial da universidade, da nossa Universidade, para ser concreto, que eu, docente a tempo integral, trabalhando no mesmo edifício do arquiteto Zildo Sena Caldas, mas em andar com o fatídico número 13, sinto, desculpem a rudeza, em minha própria carne".

E acentuou: "Se se fizesse um inquérito entre professores — especialmente entre os que trabalham no edifício dos Institutos Básicos — estou certo de que se verificaria uma virtual unanimidade, no sentido de que o expositor disse e o que o corpo docente há muito tinha vontade de expressar".

Enquanto isso, o Professor Expedito Fonseca disse que "à preocupação quanto ao clima de tensão e tranquilidade, apontada pelo conferencista Zildo, contrapõe-se a necessidade de atritos e conflitos, ressalvadas naturalmente as implicações decorrentes da lei do desenvolvimento baseada no princípio dinâmico do impulso e de freio".

Sociólogos fundam associação e Vila Nova é o 1º presidente

Com o objetivo de promover uma campanha de esclarecimento junto às autoridades públicas e empresariado local, sobre a função e o papel do sociólogo no processo de industrialização e desenvolvimento nacionais, além de encaminhar, por todos os meios legais, a reivindicação da necessária e urgente regulamentação da profissão, sociólogos recifenses acabam de fundar a Associação dos Sociólogos de Pernambuco.

Nova foi escolhido para presidir a diretoria provisória a-té março de 1974 quando se realizará a primeira Assembleia Geral para a eleição de uma mesa diretora com mandato de dois anos.

Da diretoria provisória também fazem parte os sociólogos Fernando Azevedo, vice-presidente, e Joerilda Moura Vieira, secretário-geral.

As inscrições para ingresso na ASPE estão abertas desde o dia 16 de outubro, no Departamento de Sociologia da Universidade Católica de Pernambuco.

A Associação dos Sociólogos de Pernambuco deverá promover, na segunda quinzena de janeiro de 1974, um curso intensivo de Pesquisa Social, que está sendo organizado pelo professor Carlos Alberto Azevedo.

As inscrições estão abertas para estudantes, bacharéis e licenciados em Ciências Sociais ou Sociologia.

DCE realiza III Ciclo de estudos sobre liderança

Opinião

HILTON GUEDES ALCOFORADO

Criada por decreto imperial de 11 de agosto de 1827, juntamente com a de São Paulo, a Faculdade de Direito do Recife é a mais antiga instituição do ensino do Direito, no Brasil.

Contribuiu, ao passar do tempo, com alguns dos aspectos mais importantes da vida nacional, começando por formar a primeira geração de juristas da Independência, o que significava a criação de um ordenamento jurídico para o novo País que se iniciava. Logo mais, nas Câmaras legislativas e nos gabinetes do Império, a Faculdade de Direito do Recife já se fazia presente pela força da formação cultural que imprimia aos que se bacharelavam nessa grande Casa de ensino do Nordeste. Rui Barbosa confessou que nela aprendera os seus primeiros ensinamentos liberais, e já afirmara o Conselheiro João Alfredo dever-lhe a sua melhor inspiração jurídico-política.

Disseminaram-se ao mesmo tempo por todo o País seus bacharéis, como juizes, promotores e advogados, estendendo às mais longínquas comarcas do Amazonas e do Pará os seus doutores, sempre marcados pela peculiaridade do seu pensamento.

Na República, não foi menor a sua participação. Martins Júnior e outros propiciaram o entendimento de que o novo regime não era sonho teórico de ortodoxos do positivismo. Isso facultou a implantação efetiva do regime, e talvez a razão por que no Norte e Nordeste não se tenham verificado mais intensamente as rebeliões da fase florianista.

Ao lado disso, desenvolvia-se na Faculdade de Direito do Recife uma ininterrupta contribuição ao Direito, com teorias como as de Tobias Barreto sobre o Direito Natural, valor crítico ainda de grande importância didática.

Mas seria sobretudo ao Direito Civil que, nos tempos modernos, a Faculdade de Direito do Recife ofereceria a sua melhor contribuição. Clóvis Beviláqua e o Código Civil, Soriano Neto pelos seus pareceres, Gondim Filho, Mário Baptista, não esquecendo aqueles cujos laços foram os bancos acadêmicos. Carvalho de Mendonça e o monumental Pontes de Miranda.

Assim, a Faculdade de Direito do Recife não é só o passado. Vive o presente. E, mesmo na paisagem física do Recife em mudança, é o marco que prende o passado ao futuro.

O Diretório Central dos Estudantes, dirigido por Paulo Fernando de Barros Lima, realizou no período de 8 a 17 deste mês, em sua sede, o "III Ciclo de Estudos Sobre Liderança Comunitária", que contou com a participação de centenas de universitários e profissionais liberais.

O Governador Eraldo Gueiros Leite, analisando a "Problemática Estadual — SUAPE", abriu o ciclo de conferências, seguido, na terça-feira, dia 9, pelo General Evandro de Souza Lima, Superintendente da Sudene, que falou sobre "A SUDENE e o Desenvolvimento do Nordeste".

"Segurança e Desenvolvimento" foi o tema da conferência do Coronel Affonso Celso Bodstein, Chefe do Estado Maior

da 7a. Região Militar, no dia 10, acompanhado pelo Prof. Adolpho Crippa, da Universidade de São Paulo, que falou, no dia 11, sobre "Limites do Humanismo".

O Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, Professor Marcionilo Lins, abordou o tema "Reforma Universitária", no dia 12, e no dia 16, falou o General de Exército Walter Menezes Paes, Comandante do IV Exército, sobre "Guerra Revolucionária".

O "III Ciclo de Estudos Sobre Liderança Comunitária" foi encerrado com uma conferência do Professor Newton Sucupira, diretor do Departamento para Assuntos Internacionais do Ministério de Educação e Cultura, o qual falou sobre

"Educação e Desenvolvimento".

Segundo o DCE, o "III Ciclo de Estudos sobre Liderança Comunitária", realização de alto nível, teve a finalidade precípua de forjar uma consciência comunitária voltada para o bem comum, transmitindo às gerações conhecimentos indispensáveis sobre o desenvolvimento do nosso país, em suas características dispareas, assim como apresentar a um agrupamento humano selecionado um consenso da evolução dos principais conceitos e idéias que envolvem a comunidade contemporânea, instruindo o homem para que faça uso das suas potencialidades e as consagre em favor dos postulados da civilização cristã e democrática".

Arguições e dissertações no Mestrado em Sociologia

Foram realizadas no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas as primeiras arguições e defesas de dissertações apresentadas no Mestrado em Sociologia do Programa Integrado de Mestrado em Economia e Sociologia (PIMES) da Universidade Federal de Pernambuco.

A primeira, intitulada "Posse e Uso da Terra, Relações de Poder e Conservadorismo Camponês", foi defendida por Cláudia Maria Cavalcanti de Barros Guimarães perante uma comissão composta pelos professores David Maybury-Lewis, da Universidade de Harvard, Roberto Motta e Heraldo Pessoa Souto Maior, da U.F.Pe. Trata-se de um estudo realizado em duas comunidades do Agreste de Pernambuco focalizando dois sistemas diferentes de relações de poder e os ambientes sócio-econômicos em que se situam.

A segunda, defendida por Maria Auxiliadora Ferraz de Sa, intitula-se "Relações de Poder em uma Comunidade Sertaneja" e procura captar a redefinição do "coronelismo" do Sertão de Pernambuco diante das mudanças sócio-econômicas ocorridas no plano local e no da sociedade global. A comissão examinadora esteve constituída pelos professores David Maybury-Lewis, Heraldo Pessoa Souto Maior e Manoel Correia de Andrade.

Ambas as dissertações foram aprovadas e as suas autoras serão as primeiras pessoas a receber o título de Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. A obtenção desse título pressupõe, além da defesa e aprovação das dissertações, a obtenção prévia de cinquenta créditos/curso nas diversas disciplinas ministra-

das em nível de pós-graduação no PIMES.

ORIGEM

Os Mestrados em Economia e Sociologia tiveram sua origem nos cursos de especialização ministrados no antigo Instituto de Ciências do Homem da U.F.Pe. Em 1967, por decisão do Conselho Universitário, foram transformados em Curso Integrado de Mestrado e, em 1970, graças ao apoio da SUDENE, da Usaid e da Fundação Ford, passaram a funcionar regularmente. No momento, processa-se o seu credenciamento perante o Conselho Federal de Educação, o que dará validade nacional, aos títulos obtidos, e perante o Conselho Nacional de Pesquisas, assegurando-lhe a qualificação de centro de excelência.

Maciel e a Tecnologia Nuclear

O emprego da Tecnologia Nuclear na conservação de produtos altamente perecíveis — através da irradiação gama — e no combate de pragas que atacam certas culturas agrícolas básicas, está sendo desenvolvido no Nordeste, graças a pesquisas e estudos realizados pelo Centro de Energia Nuclear — CENUR — da Universidade Federal de Pernambuco.

Como é notório — Senhor Presidente — a utilização de ionização por irradiação gama permite a conservação de frutas e legumes durante períodos superiores a 3 meses e sua aplicação tem sido adotada em larga escala, mormente nos países mais desenvolvidos — E.E.U.U., França, Israel, Alemanha, Holanda, Suíça e Espanha.

Os trabalhos do CENUR estão dirigidos especialmente para aplicação de tecnologia nuclear na solução de problemas regionais: há pouco tempo foi concluída, com êxito, pesquisa visando à conservação, através de tratamento com irradiação gama, de cebola produzida na região do médio Rio São Francisco, que, em face de sua rápida deteriorização, causa, ciclicamente, indizíveis prejuízos aos agricultores ribeirinhos.

Além disso, os integrantes desse jovem, mas já conceituado, Centro de Energia Nuclear, dedicam-se, em virtude de convênio, no valor de um milhão de cruzeiros, que está sendo firmado, por determinação do Ministro Moura Cavalcanti, com a EMBRAPA, empresa de pesquisa agropecuária

do Governo Federal, entre outros, dos seguintes trabalhos:

- estudo de águas subterrâneas e superficiais no Nordeste, utilizando rádio-isótopos;
- combate a pragas de culturas agrícolas do Nordeste — especialmente a "broca do algodoeiro" e a "cigarrinha da cana-de-açúcar", com o emprego de métodos químicos e nucleares, esta última em adiantado desenvolvimento de experiências na Usina Central Barreiros (PE);
- conservação de horti-frutícolas de interesse regional, por irradiação gama, conforme já me referi.

No Brasil, tal como já ocorre em vários países, recente decreto (que tomou o nº 72.718, e foi baixado em 29 de agosto de 1973), o Governo Federal autorizou a venda ao consumidor do alimento irradiado, desde que devidamente licenciado pela autoridade competente e autorizado pela Comissão Nacional de Energia Nuclear.

Essa medida vai, por certo, contribuir para que o CENUR possa continuar desenvolvendo suas atividades em estreita ligação com as Centrais de Abastecimento e contar com maior colaboração da empresa privada, posto que seus trabalhos estão, agora, mais do que antes, vinculados diretamente a uma aplicação de interesse econômico e comercial.

Prova, aliás, do que afirmo — Senhor Presidente — é o interesse demonstrado pela realização, nestes dias, da II Semana de Integração dos Estudos Nucleares, que o CENUR patrocina com a finalidade de articular Universidade, empresas e entidades governamentais, procurando, não só oferecer uma visão sobre as perspectivas científicas do País com relação à aplicação de técnicas nucleares, como também ensejar uma maior troca de pontos de vista entre pesquisadores, empresários e homens públicos, dos problemas ligados ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia na região.

O CENUR, criado em 1968, constituindo-se, portanto, numa das mais novas unidades da Universidade Federal de Pernambuco, exerce suas atividades sob a supervisão da Comissão Nacional de Energia Nuclear e mantém acordos de cooperação com quase todas as entidades relacionadas com a pesquisa e a experimentação no Nordeste — SUDENE, IAA, IPEANE etc.

A equipe do CENUR, de pouco mais de 20 técnicos — sob a direção do Professor Aarão Horowitz — merece, pois, o nosso reconhecimento pelo muito que tem feito em prol do desenvolvimento científico e tecnológico da região.

Pronunciamento feito na Câmara Federal pelo Deputado Marcos A. Maciel.

JORNAL UNIVERSITÁRIO

Reitor: Professor Marcionilo de Barros Lins

Pró-Reitor Comunit.: Prof. Armando Ribeiro Samico.

Diretor do DEIC: Ariano Suassuna

Editor Geral: Manoel Neto Teixeira

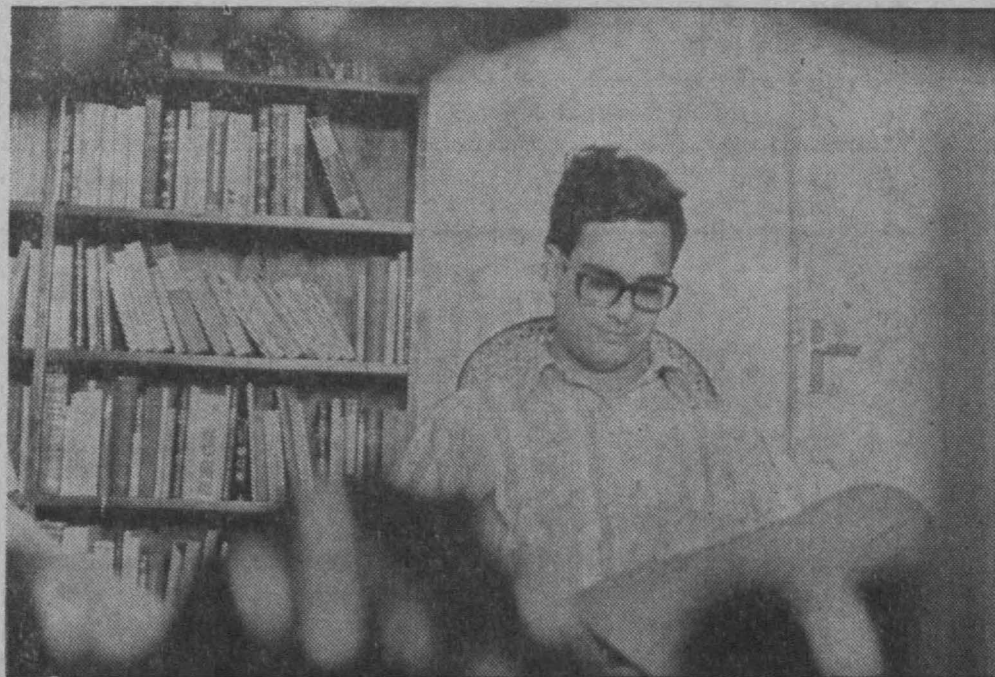
Repórteres: Angela Delouche, Raimundo Carrero, Anzelo Monteiro e José Carlos Tarantino.

Fotógrafo-Laboratório: Maurício Coutinho.

Diagramação: Josias Florêncio.

Editado mensalmente pelo Departamento de Integração Comunitária, órgão da Pró-Reitoria Comunitária, como o veículo oficial da Universidade Federal de Pernambuco. Livros, cartas e colaboração em geral, de professores, alunos e pesquisadores da UFPE., devem ser enviados para a redação do JU, Reitoria, 2º andar, Cidade Universitária.

Não há ciência pura e descomprometida: afirma antropólogo



Entre grossos volumes de ciências sociais e uma completa coleção dos autores clássicos latinos — estes últimos raros em estantes de sociólogos —, o Professor Roberto Mota nos recebe em seu gabinete de trabalho, no décimo terceiro andar do Edifício dos Institutos Básicos, onde funciona o Mestrado de Sociologia da U.F.Pe., do qual é professor. O jeito descontraído e informal não denuncia o jovem erudito que fala vários idiomas, tem curso de graduação em Filosofia, é Mestre em Sociologia pela Universidade de Hala e está em vias de doutorar-se em Antropologia Cultural pela Universidade de Colúmbia, em Nova York, célebre pelos mestres que teve e tem nesse campo: Boas, Mead, Benedict, Linton, Wagley, Murphy, Harris, entre outros. Em Nova York, o Professor Roberto Mota passou

dois anos aprofundando seus conhecimentos em Antropologia ao mesmo tempo em que ensinava na City University.

Sobre a mesa de trabalho, alguns cadernos repletos de anotações. São as notas que cuidadosamente toma logo após cada um dos frequentes contatos que tem com os ritos afro-brasileiros, indispensáveis à sua tese doutoral em preparo e que versa precisamente sobre esse tema. Constituem os seus diários de pesquisa e de campo, explica-nos, necessários a qualquer pesquisa na sua especialidade.

Com a mesma naturalidade com que comenta um filme recente, o jovem professor discorre sobre os problemas que envolvem as ciências sociais.

Sobre o ofício do antropólogo no quadro da investigação científica do homem, acha que não basta simplesmente situá-la nesse quadro. E começa indagando: "O que é ciência? A ciência do homem, o conhecimento do homem, pode se limitar ao meramente "científico"? E o "científico", é todo o científico? Sou inimigo de pretensões totalitárias de qualquer uma das ciências humanas. "Há tanta coisa entre o céu e a terra que desconhece nossa vã filosofia"...

Mas, meu compromisso com a Antropologia — se me permitem o paradoxo — é total e totalitário. E quando falo em Antropologia, refiro-me a uma disciplina que segue métodos "científicos", a uma ciência de observação, a um campo diferente da Filosofia, da Teologia ou do que tenta substituir estes dois campos hoje em dia, ou daquilo que lhes usurpa os nomes. A antropologia de Morgan, de Mauss, de Boas, de Malinowski, de Radcliff-Brown, de Lowe, com orgulho menciona também o nosso Gilberto Freyre (este último longe de ser apenas um antropólogo).

Recebi em Colúmbia a formação clássica do antropólogo na linha americana e isso é, definitivamente, parte de mim e parte que não rejeito nem quero refutar. Quero, ao contrário, sempre reforçá-la.

Mas ser cientista social — é bem pequena a diferença entre Antropologia e Sociologia, embora grande entre antropólogos e sociólogos — implica, se "ciência" quer dizer ciência, conhecimento, em constatar que chegou um momento em que lhe escapam as explicações decisivas da condição humana. Ou implica em reconhecer, com humildade, que só proporcionamos alguns elementos para essas explicações decisivas.

Para mim, nem a sociedade nem a cultura são Deus, nem a Antropologia (não posso perdoar Alfred Kroeber pela opinião oposta) uma religião. Vá lá que o ato de ser antropólogo seja um ato religioso".

J. U. — Em sua experiência estudando e ensinando em universidades estrangeiras, que impressão tem do desenvolvimento das ciências sociais, em suas orientações e implicações? E que relações elas mantêm com a Filosofia?

R. M. — "Estou certo de que ninguém, ou quase ninguém, faz ciência pura e descomprometida, seguindo o ideal de Saint-Simon ou Comte. Só uns ingênuos que eu conheço pensam assim, embora suas próprias atividades os desmintam.

Por um lado, ciência, mesmo ciência física e natural, está sempre a serviço de interesses tecnológicos, práticos, econômicos. E tanto mais fácil é fazer "ciência pura", quanto mais se vê — se não por todos, pelo menos por alguns com grande poder de decisão — as possibilidades de utilização dessa ciência pretensamente pura.

A ciência social não constitui exceção. Há mil e uma formas de conservar na "linha" pesquisadores de talento; basta pensar em bolsas, em financiamentos de fundações, em prioridades estabelecidas por órgãos privados ou públicos, para ver que é pequena a margem permitida às esquisitices. Inclusive às realmente críticas, dos cientistas puros. Mas, é verdade que logo se descobrem usos para esquisitices criativas, mesmo se os autores esquisitos não se apercebem de sua utilidade.

E, afinal de contas, não estou certo de que o critério da utilidade seja inteiramente a rejeitar ou condenar. Pois ciência não envolve necessariamente a comunidade de que faz parte o cientista? E este não tem o direito de ser mais egoísta do que qualquer outra pessoa. Mas os que tomam as grandes decisões têm o dever, maior ainda, de ser mais clarividentes, mais lúcidos, do que a maioria das pessoas e, quando não o são, apelo outra vez para Shakespeare, agora o do "something rotten in the realm of Denmark".

Mas a coisa pega fogo é mesmo nas ciências sociais e humanas. Todo mundo pode estar de acordo quanto ao modo de montar uma fábrica de tecidos; menos gente está de acordo sobre se essa fábrica deve ser montada; e muitíssimo menos pessoas concordam sobre como devem estar tecidas a sociedade e a cultura, dois termos necessariamente ligados. Aqui entra o cientista social, com infundáveis solicitações de comprometimento meta-científico de que ele frequentemente nem se apercebe.

Sua concepção da sociedade e da cultura interliga-se a inúmeros interesses e tudo isso, concepção ou interesses, em última análise, encontra-se ligado a tomadas de posição filosóficas e até teológicas. Pois o cientista social tem suas posições, por implícitas ou inconscientes que sejam. Ora, se se tem necessariamente alguma coisa, boa ou ruim, quanto mais se sabe do que se tem, melhor. O cientista social deve, portanto, estar alerta para o fato de que ele próprio tem sua filosofiazinha, às vezes muito ruinzinha, em vez de imitar o avestruz no exame do problema.

Essas interligações não me parecem indesejáveis, já falei na humildade que o antropólogo (e o sociólogo) têm de ter e no meu horror ao positivismo; salvas as boas intenções (que sabemos para onde vão) a atitude positivista parece-me, na melhor das hipóteses, mutilada, na pior, hipócrita.

Como aqui no Brasil temos, não sempre, mas frequentemente, a pouca vergonha de assumir atitudes suburbanas, de periferia e rebotalho intelectual de grandes centros internacionais (não só ocidentais!) os grandes debates já nos chegam em nível inferior ao em que se iniciou (que é onde se travam as batalhas decisivas) nos grandes centros. O cientista social brasileiro, que com poucas, mas honrosíssimas exceções, tanto entre os mais velhos como entre os jovens, presta-se a esse desempenho suburbano e rebotalhês com espantosa docilidade, nem se apercebe da importância dos combates e das implicações de suas próprias posições.

Ter estudado em Colúmbia, e vivido em Nova York, ensinado na City University não é condição essencial para entender do que se trata, mas quando (e somente quando) a pessoa possui qualidades de observador, de observador arguto e malicioso, bem que ajuda. Modestamente, confesso que não sei se esse é o meu caso".

J. U. — Há, a seu ver, um dilema entre a afirmação da cultura nacional e o cosmopolitismo imposto pela necessidade de racionalização tecnológica da cultura contemporânea?

R. M. — "Não confundamos duas coisas: cosmopolitismo e adoção de novidades estrangeiras, tecnológicas ou ideacionais. A própria palavra cosmopolitismo pode ter uma interpretação benigna e outra maligna. Afinal de contas, existe uma humanidade só, e qualquer parte sua não pode ser estranha às outras. Somos humanos e nada de humano podemos considerar estranho a nós.

Qualquer invenção ou nova maneira de ver, muda-se por esse padrão: se faz o homem mais humano, mais racional em processos de dominação (mas nunca de destruição!) da natureza; ou se aumenta o conhecimento da verdade sobre nós próprios e o mundo, indo o mais longe possível na busca das últimas explicações, ou se faz o homem éticamente, moralmente, melhor, elevando-o por assim dizer, à altura de sua própria dignidade — perdoem-me se, nesta entrevista, trato "dignidade" humana como um a priori, sem buscar defini-la, o que nos levaria muito além do âmbito de nossa conversa de agora.

Não importa de onde vem uma novidade desse tipo.

Automaticamente pertence a todos os homens de todos os países e então também ao Brasil. A recíproca claro que é verdadeira.

Se ser cosmopolita — cidadão do mundo — é estar pronto a assumir, a aceitar, a eventualmente adotar o que há de bom noutros povos, então viva o cosmopolitismo!

Mas surge um problema. Só podem aceitar o estranho os povos que possuem sua própria personalidade. Só assim podem sobreviver as nações, as regiões e as tradições. (Confesso minha dívida, nessas formulações, ao regionalismo e ao tradicionalismo de Gilberto Freyre. Constatemo de acordo com muita coisa de Ariano Suassuna e também com meu amigo Sebastião Vila Nova). Tendo auto-respeito, possuindo o sentimento de honra e integridade que lhes permite enriquecer-se com a novidade, pois só quem é alguma coisa, pode ser mais alguma coisa e só quem se possui pode assimilar vitalmente o estranho, em nada ficando adulterado ou mutilado. Lembro-me de Goethe: "o que herdaste de teus pais, merece-o para poderes possuí-lo".

Só um acerto modifica a citação no sentido do que estou dizendo. Só quando possuírmos o que herdamos de nosso país, seremos capazes, sem perda de identidade ou alienação, de possuir também a herança que nos cabe de outros povos.

O humano é grande, amplo, infinitamente rico em combinações e invenções. Nenhuma cultura, esgota a versatilidade do homem. Ora, portanto é obrigação, dever de cada povo conservar, tradicionalmente, a parte que lhe coube dessa riqueza. E isso com zelo e com ciúme.

O cosmopolitismo maligno é o que elimina particularidades, reduzindo todas as nações e regiões a um denominador comum de lugares comuns. Este empobrece o humano, eliminando seu caleidoscópio de peças diversas que se completam. Detesto esse internacionalismo depauperado. E desconfio que existe uma porção de coisa errada em pessoas que se sintam bem, igualzinhas, no Rio, em Londres, Tóquio, Recife, Atlanta ou Vlan-Bator.

É duro o sofrimento do exílio que sentem mesmo os mais versados em línguas e coisas estrangeiras, na medida em que seu cosmopolitismo é dos benignos, e não dos malignos que tudo uniformizou por nada possuir de autenticamente seu.

Mas quem foi mesmo que disse que há um dilema entre internacionalização tecnológica e afirmação da cultura nacional? Cuidado com o menosprezo de nossa cultura implícito na colocação desse dilema. Primeiro, nossa cultura não é tão fraca assim. Depois, a racionalização tecnológica, ou a tecnologia, não é toda a cultura, mas só parte dela.

Nossos folclores, nossos gostos parecem-me tremendamente vitais. Para dar um exemplo quase escabroso, não tem americanização das técnicas de televisão que acabe com o gosto do homem brasileiro pelo tipo brasileiro de mulher representado pelas notórias "chacretes" de certo programa de televisão.

Já que estou falando em televisão, vou continuar. Se nossa cultura possui mais vitalidade do que poderíamos pensar em momentos de desalento, ela também não possui garantias de eternidade. As portas do inferno podem pre-alecer contra ela.

E os meios de comunicação de massa representam com frequência o papel infeliz de porta por onde nos invadem todas as potências infernais, que seduzem as massas pela grosseria, pelo que há de mais simplificado (diferente de simples!) e mediocrizado.

E isso, pobres de nós, em função de um comunicalismo sujo de sabonetes, desodorantes e panelas de pressão. Ah, como às vezes compreendo a expulsão dos vendilhões do Templo!"

Nutrição Amplia Programa de Pesquisa

Delegacia do MEC promoveu Seminário

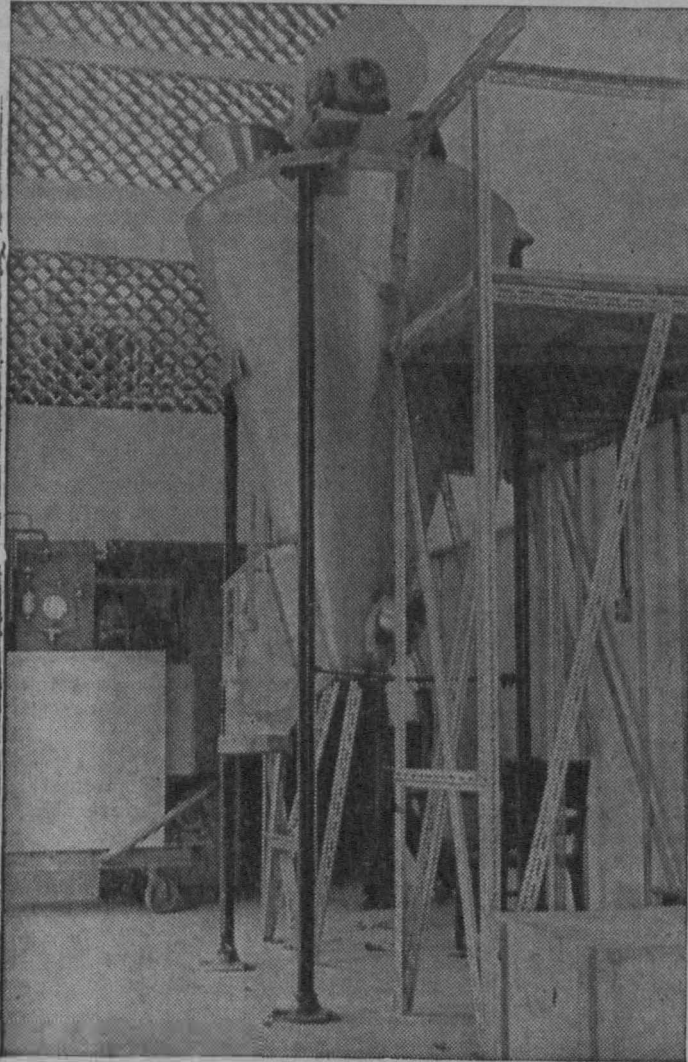
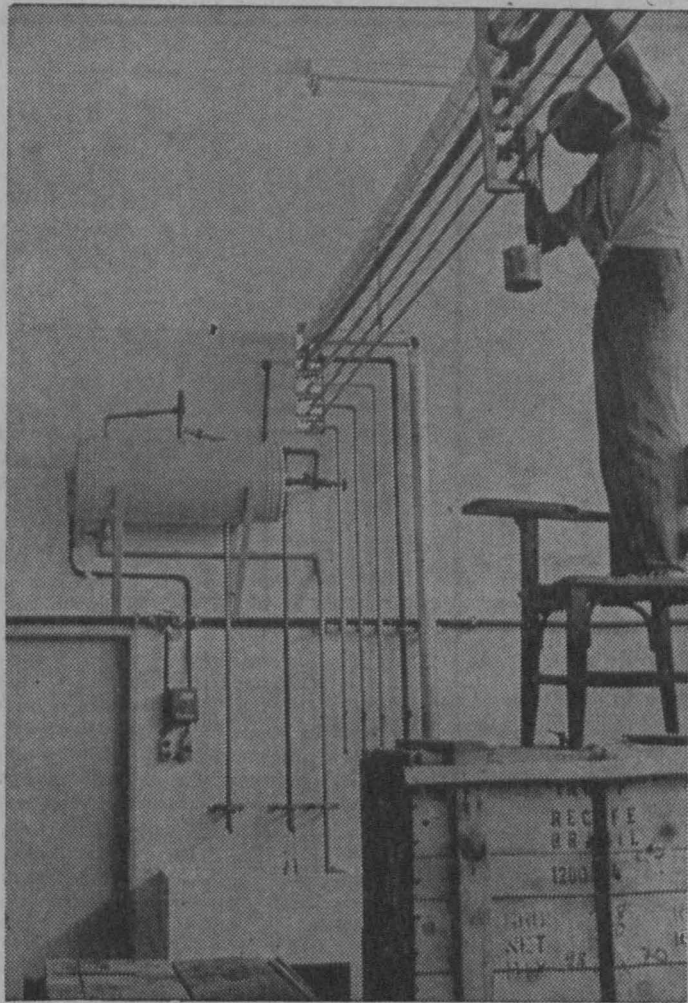
A Delegacia Regional do MEC em Pernambuco promoveu um Seminário para Inspetores, Diretores e Secretários de Estabelecimentos de Ensino Superior, dos Estados do Norte e Nordeste, no período de 8 a 12 deste mês. A conferência inicial foi presidida pelo prof. Heitor Gurgulino de Souza, diretor do Departamento de Assuntos Universitários do MEC, que abordou o tema — "Ensino Superior Brasileiro: evolução, expansão e estrutura atual — Universidades e Estabelecimentos Isolados".

O Seminário foi ministrado em regime de tempo integral, com a finalidade de atualizar o pessoal em face às recentes mudanças preconizadas pela Reforma Universitária.

A sessão de abertura foi presidida pelo Prof. Syleno Ribeiro, titular da Delegacia Regional do MEC, e contou com a presença de altas autoridades educacionais, entre outras, os Reitores Marclonilo Lins, da UFPE., Rubem Gondim Lossio, UCP, Cláudio Selva, UFRP, e Antônio Figueira, representando a FESP, além do Secretário Manuel Costa Cavalcanti, da Educação e Cultura estadual.

O Prof. Gurgulino declarou que, entre outros pontos, aquele Seminário pretendia fixar a nova imagem do inspetor de ensino, que não é mais aquela de simplesmente fiscalizar e fazer aplicar as punições; ele tem a responsabilidade, agora, sobretudo de orientar, de fazer assessoramento aos que estão à frente das instituições de ensino, de forma a contribuir efetivamente para que a Reforma Universitária alcance plenamente os seus objetivos.

Além do diretor do DAU, o Seminário contou com os seguintes conferencistas: professores Nair Fortes Bu Marhy, Arcello Santin, Elderson Moreira Guimarães, José Ernesto Ballstae e Walter Machado Oliveira, todos, do MEC.



O Instituto de Nutrição, da U.F.Pe., teve seu início como Instituto de Fisiologia e Nutrição criado a 16 de março de 1956, pela Faculdade de Medicina. Posteriormente, foi desdobrado em cadeira de Fisiologia — que ficou na Faculdade de Medicina — e no Instituto de Nutrição, autônomo, diretamente ligado à Reitoria.

O Estatuto da Universidade inclui o Instituto de Nutrição entre as suas Unidades Especializadas.

Seus Departamentos de Pesquisas funcionam na Cidade Universitária. Possui, o Instituto, uma biblioteca, nove salas para a Administração, uma para refeições, dois biotérios, duas salas para a preparação de rações, 5 laboratórios de bioquímica, uma sala para Nutrição Experimental, três laboratórios para Experimentação Dietética.

A 84 Km do Recife, possui uma Unidade de Campo, em Ribeirão, com as seguintes dependências: dois consultórios, um laboratório, um gabinete, dois dormitórios, duas salas e uma cozinha. Em Ribeirão, ainda possui uma residência para alunas e estagiárias.

Objetivos do Instituto

Ministrar o ensino e promover a pesquisa no campo da Nutrição a serviço do progresso da comunidade e da realização da pessoa humana; contribuir para a formação geral dos quadros superiores do País, mediante o preparo de profissionais e especialistas altamente qualificados na área de conhecimentos que lhe corresponde; estender à comunidade, sob a forma de cursos e serviços, as atividades de ensino e pesquisa que lhe são inerentes; manter e incentivar o intercâmbio com instituições congêneres do país e do estrangeiro.

Entre os objetivos específicos do IN, mencionamos o diagnóstico do estado nutricional do Nordeste, assim como o estudo dos problemas nutricionais, como a má nutrição protéico-calórica em pré-escolares e lactantes, a avitaminose A e anemias.

O estudo dos recursos alimentares da Região, bem como as possibilidades de industrialização, a fim de contribuir para a melhoria do estado nutricional da população e facilitar o desenvolvimento industrial desses alimentos.

O IN visa a solucionar o problema da desnutrição protéica, sobretudo na infância. Assim, seus programas de educação nutricional e recuperação das diversas formas da má-nutrição que poderão ser estendidos a todo o Nordeste, através dos serviços de Saúde, Agricultura e Educação, dando-se prioridade à integração da Nutrição nos serviços de Saúde Pública.

O Curso de Nutrição

O Curso de Nutrição originou-se da necessidade de preparar nutricionistas para combater o problema da desnutrição no Nordeste Brasileiro, ante a constatação, revelada através de inquéritos realizados em diversas oportunidades, dos seguintes fatos: graves defeitos na alimentação e nutrição de considerável parcela da população nordestina, cujas condições só-

cio-econômicas, higiênicas e educacionais são bastante precárias. Esta situação pesa desfavoravelmente, contribuindo para a redução do nível de saúde e consequentemente da capacidade produtiva das populações atingidas. As dificuldades para a implantação e desenvolvimento de programas específicos, principalmente em virtude da escassez de pessoal especializado em Nutrologia, o que representaria a minimização da deficiência desses profissionais.

Histórico

Foi criado com a denominação de Curso de Nutricionista pelo Conselho Técnico-Administrativo da Faculdade de Medicina da então Universidade do Recife, em 22 de fevereiro de 1956. No mês de julho, foi realizado o concurso de habilitação e, em 1959, diplomou a primeira turma de nutricionistas, com 31 concluintes.

Em 1965, o curso desligou-se da Faculdade de Medicina, tornando-se autônomo, por resolução do Conselho Universitário. Em 1968, foi reintegrado ao Instituto de Nutrição. Em 1971, com a reforma universitária, foi instituído o Colegiado do Curso, que assumiu inclusive as funções da Comissão de Currículo.

A Profissão de Nutricionista

A profissão de nutricionista teve seu enquadramento como profissão de nível universitário, em agosto de 1964, por Resolução do Conselho Federal de Educação, foi regulamentada, isto é, foi definida a sua competência por lei federal a 26 de abril de 1967.

Em 1971, foi instalado, nesse Instituto, o 1º Curso de Pós-Graduação, a Nível de Mestrado, em Nutrição em Saúde Pública.

A Pós-Graduação

O curso de Pós-Graduação realizado pelo INUFPE conduz à especialização e ao Mestrado Acadêmico de Nutrição em Saúde Pública, e tem por objetivos o desempenho eficiente das funções de assessoria, supervisão, ensino e pesquisa.

Como objetivo específico, o curso procura familiarizar o estudante com os programas de saúde pública, especialmente os de nutrição aplicada, desenvolver habilidade e destreza no campo da assessoria, supervisão, pesquisa e docência.

A Pós-Graduação visa também a formar o estudante para que seja um agente eficiente de mudanças em sua especialidade.

O curso tem a duração de dezoito meses, podendo, no entanto, ser realizada a integralização curricular dentro de um máximo de quatro anos.

Dois graus de Formação

Podem ser conferidos dois graus de formação: o certificado de especialização, correspondente à aprovação apenas nas matérias do currículo, a apresentação e arguição de uma dissertação ou trabalho de pesquisa.

FOLCLORE

CICLO NATALINO

II

ANGELA DELOUCHE

Impossível falar do tempo "de festa" atualmente, sem saber, ao vivo, como as comunidades estão se comportando, sem ir às fontes, sem visitar, pelo menos em Pernambuco, as cidades tradicionais e também os povoados e vilas de menor densidade demográfica.

Assim tivemos a idéia de servir-nos do JU para uma pequena tomada de contas, baseada na orientação segura do Manual de Coleta Folclórica do mestre Renato Almeida. Do mesmo modo como se faz a prestação do imposto de renda de cada ano com base no ano anterior, assim podíamos agir em relação à coleta. As respostas seriam baseadas no Natal de 1972.

Da página 65 do Manual retiramos as indagações que se seguem: "Você tem de responder se se faz Missa do galo ou campal? — se nessa noite nas praças e adros das Igrejas, se fazem jogos, danças ou outras festividades. Quais os folguedos que aparecem? Marujada, Fandango, Barca, Bumba-meu-Boi, Folias de Rei, Pastorinhas, Pastoris, Bailles Pastoris, Ternos de Reis, Reisados, em suma, que grupos representam ou desfilam no ciclo de Natal, que vai da véspera de Natal (24 de dezembro) ao dia de Reis (6 de janeiro). Os grupos você deve apenas enumerar". "Há pedidos de festas, há pedidos de reis? quais as festas de 1º do ano alusivas ao ciclo? naturalmente balles e "veillons" não interessam nem envio de cartões de boas festas, que

nada têm de folclórico. Quais as práticas, superstições ou ditos relativos ao ano novo?"

"Na sua região se faz presepe? descreva como se faz. O povo faz também ou se limita a vê-lo nas Igrejas ou casas onde o armam? há obrigação de fazê-lo por 7 anos? há representações de pastoris terno de Reis ou balles pastoris defronte do presepe? as crianças deixam à noite seus sapatos ao lado do presepe? nas janelas? no fogão? fazem árvore de Natal?"

Nós esclarecemos que presepe é o mesmo que lapinha e gostaríamos de saber se na sua localidade a lapinha é feita na igreja, em casas de família ou em ambas.

Comidas tradicionais da época devem ser mencionadas e também que docinhos ou bolos vendidos em tabuleiros na noite de festa, como alfenins e outros. Na parte de salgadinhos se há "bancos" para vender comidas e que tipo é usado e se as pessoas que os vendem estão satisfeitas com o movimento.

Quanto ao culto a Santa Luzia, gostaríamos que Você mencionasse que tipo de "experiências" é feito em sua região. Também os cultos afro-brasileiros do ciclo natalino devem ser mencionados.

Em geral, situamos o ciclo natalino de 8 de dezembro (festa da Conceição) a 6 de janeiro. Se você mora em beira de praia observe que cultos são feitos a Iemanjá nesse época.

Outro ponto que gostaríamos que você mencionasse a reação da gente do povo ao rádio e à TV, assim como se a orquestra local foi substituída por discos transmitidos por alto-falantes e que tipo de música é transmitido.

Quanto à ornamentação do altar na noite de festa, que tipo é usual em sua localidade? No que tange à ornamentação, gostaríamos que V. mencionasse os tipos de ornamentos em papel fino e colorido para os doces ou bolinhos, assim como para alguns móveis de sala. Veja se consegue descobrir a origem dos desenhos que servem de base a esses ornamentos, se há alguma influência mágica ou se apenas o desejo de enfeitar.

Em relação à lapinha, seria bom mencionar se já estão sendo invadidas pela matéria plástica ou não. Caso negativo, descreva os tipos de bichos que aparecem, se vêm de fora ou se são feitos na própria região. Se a louça é pintada ou não.

Sabemos que muita gente não se incomoda de mencionar o nome ao responder questionários. Respeitamos esse modo de pensar se for o seu caso, o que não podemos dispensar é a região, o nome da localidade.

Assim, você deve enviar suas respostas (assinadas ou não) com seu nome verdadeiro ou não para nosso endereço: Jornal Universitário, Reitoria, 2º andar, Cidade Universitária, Recife, 50.000 Pe.

50 ANOS DE LITERATURA PORTUGUESA (1923/1973)

SEMINÁRIOS COMO ESTE ENGRANDECEM A UNIVERSIDADE — afirmou o Reitor Marcionilo Lins na sessão inaugural do XV Seminário de Verão da Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, que teve como tema a Literatura Portuguesa dos últimos 50 anos.

Fundado e mantido durante treze anos pelo sempre lembrado Jordão Emerenciano, tem agora à sua frente o escritor Joel Pontes, que o vem mantendo na mesma linha e alto gabarito dos seminários anteriores.

Por ocasião do encerramento o Pró-Reitor Armando Samico, empolgado, afirmou, entre outras coisas, que quisera possuir as luzes da cultura e do saber de um Ruy Barbosa para, em nome da Universidade, agradecer ao Prof. Joel Pontes, aos professores e universitários visitantes e às autoridades pela presença e participação neste Seminário de tão alta magnitude, uma honra para a Universidade Federal de Pernambuco.

O Seminário contou com representantes de Institutos de Letras de várias faculdades: UFPe. (Belas Artes e Instituto de Letras) Fafire, Católica, Nazaré, Palmares, Vitória de Sto. Antão, João Pessoa, Campina Grande, Catolé do Rocha, Maceió, Natal, Maranhão, Belém, Salvador São Paulo.

A Assembléia Legislativa se fez presente nas pessoas dos deputados Edson Cantarelli, Mons. Ferreira Lima e Manuel Gilberto. Lido em plenário telegrama do vice-governador Barreto Guimarães.

Assinalamos as presenças da viúva e de uma filha do saudoso Jordão Emerenciano, da consulesa e do cônsul dos Estados Unidos e do Cônsul de Portugal, cuja participação foi de total apoio e cooperação.

A palavra do Reitor

Ao dar início a este Seminário, quero que as minhas primeiras palavras — que sem dúvida nenhuma traduzem o pensamento de todos — sejam de evocação à memória daquele que já não está entre nós, todavia presente, Jordão Emerenciano.

Quero também cumprimentar, pelo seu dinamismo, entusiasmo e dedicação, ao Prof. Joel Pontes, que assumindo a direção do Centro de Estudos Portugueses — hoje Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano — o vem mantendo em alto nível. O próprio Seminário é, em si mesmo, uma prova do alto poder de organização do Prof. Joel Pontes que não é apenas um professor de alta capacitação, um valor incontestável, mas, também, um grande organizador.

Hoje é um dia particularmente feliz para a Universidade. Um dia de pauta cheia. Pela manhã, tivemos uma outra importante reunião com membros do Consulado Alemão, reunião que teve por fim a utilização e uso da energia nuclear. E para o Reitor um dia de feliz contentamento, de pura alegria.

Parabenizo, não apenas ao Prof. Joel Pontes, pelo supremo desempenho deste Seminário, mas aos seus participantes, que têm a possibilidade de ouvir mestres, de reconhecer valor, especialmente convidados.

Seminários como este engrandecem a Universidade. Muito obrigado.

Panorama do poesia contemporânea

A conferência de abertura esteve a cargo do escritor, professor e crítico literário Leônidas Câmara quando, numa ampla exposição, teve a oportunidade de abordar as principais correntes da poesia portuguesa contemporânea (1923/1973).

Minucioso, ainda que profundo, Leônidas Câmara conseguiu prender a atenção do numeroso público que o foi ouvir e admirar.

Apresentado pelo poeta César Leal, do Instituto de Letras, que foi breve e conciso, começou por falar de Leônidas Câmara como um escritor competente, que domina vários gêneros literários, inclusive a poesia, o conto e o ensaio, sendo ainda um mestre na interpretação de textos de alguns de nossos melhores romancistas, como Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Machado de

Assis. Informou sobre a participação de Leônidas Câmara em dois cursos de Literatura Brasileira, que ele havia coordenado nos anos de 1967 e 1968, por solicitação do Prof. Newton Sucupira, quando as aulas do mestre da Universidade Católica tiveram uma repercussão quase dramática entre os selecionados alunos daqueles cursos.

Leônidas Câmara é professor titular de Teoria da Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia do Recife e da Universidade Católica de Pernambuco. Mas suas atividades não são apenas docentes, uma vez que é colaborador de jornais e revistas, tanto do Recife como do sul do país.

Autor de conferências sobre literatura em diversas instituições culturais, tem-se revelado excelente crítico literário.

Fernando Pessoa

Detalhado estudo interpretativo da obra de Fernando Pessoa, sob o ponto de vista filosófico e literário, através dos seus heterônimos, aliado à análise minuciosa dos poemas em língua inglesa, foi apresentado pelo Prof. Benedito Nunes, da Universidade do Pará.

O Prof. Benedito Nunes, além de seus estudos no Brasil, tem prolongados estágios na Europa. Na França fez cursos de especialização em Filosofia, na Sorbonne. Lecionou literatura brasileira na Universidade de Rennes.

Renomado escritor, o Prof. Benedito Nunes tem vários livros publicados dos quais destacamos: João Cabral de Melo Neto, (ensaio), Introdução à Filosofia da Arte, O Mundo de Clarissa Lispector. Seu próximo livro será sobre Fernando Pessoa, com essa magnífica interpretação do mundo do poeta, livro cujo resumo os participantes do XV

Seminário de Verão tiveram a oportunidade de conhecer e aplaudir.

Entre suas atividades docentes, o Prof. Benedito Nunes leciona na Universidade do Pará nos cursos de Pedagogia, Ciências Sociais, História da Filosofia, Ética e Estética. Tem sido professor nos Cursos de Literatura dos Festivais de Ouro Preto, em Minas Gerais.

Foi seu apresentador o Prof. José Brasileiro, do Instituto de Letras da UFPe, que se deteve brevemente sobre o valor do conferencista e, naturalmente, sobre Fernando Pessoa, salientando alguns poemas e falando de sua afinidade com o poeta afirmando ao terminar: "ele se antecipou a mim, porque o que há em mim é sobretudo o cansaço".

Reportagem de ANGELA DELOUCHE

José Régio

A conferência pronunciada pelo Prof. Francisco de Assis Baltar Peixoto de Vasconcelos, do Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, onde leciona História da Literatura Portuguesa, versou sobre José Régio.

Apresentou o Prof. Baltar o escritor e filólogo José Lourenço de Lima que, recordando o início do Seminário, há 15 anos, afirmou:

"Vi nascer este Seminário, pelo idealismo de Jordão Emerenciano, nome que ainda pronunciamos cheios de comovida saudade. Vi a germinação das sementes deste Seminário e o seu posterior desenvolvimento. E ele hoje uma debutante, sem valsa e sem flores, é verdade, mas com o colorido e o brilho dados pelos muitos valores intelectuais que o vêm integrando desde o começo. Assim eu me pergunto: — que melhor

apresentação de Baltar do próprio convite para ser um dos conferencistas deste Seminário?"

O Prof. Baltar além de estudos no Brasil (é formado em Direito e Ciências Sociais e em Letras Neo-Latinas) cursou no exterior, como por exemplo a "Escuela de Periodismo de Madrid", e a "Escuela do Instituto de Cultura Hispânica de Madrid".

Entre seus ensaios publicados sobre Gil Vicente e um outro sobre o romancista português Raul Brandão.

Sua análise da obra de Régio foi minuciosa, mas da minuciosidade de detalhe que concorrem para uma melhor compreensão da obra do autor em apreço. O Prof. Baltar conseguiu prender a atenção do auditório durante o longo tempo em que se tribuna sem, contudo, o cansar.

Miguel Torga

O poeta português Miguel Torga foi o tema escolhido por Joel Pontes, presidente da Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano de quem o Prof. Nilo Pereira, seu apresentador, disse ser um digno continuador da obra iniciada por Jordão Emerenciano.

Além de bacharel em Direito Joel Pontes é licenciado em Letras, ex-bolsista na Espanha e "ex-associate" professor das Universidades do Texas (Austin), New York University e Tulane.

Escritor com vários livros publicados, sobretudo de crítica literária, Joel Pontes é, atualmente, professor adjunto de Literatura Portuguesa na UFPe. Referindo-se a Miguel Torga, disse:

Contista, memorialista, dramaturgo, Miguel Torga — na vida civil Adolfo Correia da Rocha — foi também poeta e sob este ângulo traçou alguns aspectos do escritor. "Os refúgios de poesia sempre existirão em sua obra, intercalados na luta pela liberdade, ou como um aspecto especial desta luta: o poeta como ser livre, resolve o que fazer, seu instrumento de transmissão é a palavra e com ela dá o seu recado de insubmissão."

"qualquer coisa de profundo e doloroso, traída, feita de terra e alma".

Nos Poemas Ibéricos, liga a América à Península e dedica todo o livro Traço de União às relações luso-brasileiras.

Seus poemas e estudos têm sido traduzidos em várias línguas.

Apesar de reconhecer os valores, "os maiores" de Portugal, Torga trata, preferencialmente, deste "santo povo português", deste "matagal humilde" como o chamou em Traço de União, a parte obscura e sofrida, ressaltando que "neste ponto vão se alternar o estóico e o rebelde que nele convivem".

Panorama da ficção contemporânea

De modo sucinto mais substancioso, o Padre Romeu Perea apresentou o escritor Massaud Moisés como um profundo conhecedor da literatura portuguesa de todos os tempos, particularmente dos nossos dias. Entre seus livros citou a "A Literatura Portuguesa através dos Textos", "Bibliografia da Literatura Portuguesa", "Literatura Portuguesa", já em quarta edição, e este ano organizou, dirigiu e colaborou em "Literatura Portuguesa Moderna".

Massaud Moisés é professor titular de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Professor Visitante nas Universidades de Wisconsin, Indiana, Vanderbilt, Texas.

Fez viagens de estudos e contactos em Portugal e Espanha em 1953 e em 1958, e também na França, Holanda, Alemanha e Itália. A Portugal foi mais duas vezes: em 1962 e em 1971.

Transforma-se de amador poeta amada: "eu sou a liberdade que se esconde no mar".

A influência de Fernando Pessoa está bem presente em Torga. Vejamos alguns versos:

"E o meu avesso que me mata"

Ou estes:

"E o que sou por detrás do que pareço"
"Sou eu que disse adeus"
e fiquei à minha espera"

O conferencista salientou em Torga, em seu minucioso estudo, o aspecto que utiliza, em sua poesia, todo o intransigente: a rima, o traço rítmico, musicalidade que leva a canção de poema:

"E sempre o mesmo desejo
de dar outra expressão ao dito".

Concerto do Conjunto "Ars Antiga".

O conjunto "Ars Antiga", dirigido pelo Prof. Nicolaas Gosse Vale, apresentou no quarto dia do Seminário, num salão do Consulado da Holanda.

Os integrantes do conjunto de instrumentos, executaram as danças instrumentais, executaram as danças inglesas do Sec. XV, "Der Maerke poe-lingas sobre a primavera do trovador von Wolkenstein, (1360) "Maerke" de John Bennet, do Sec. XVI, para duas flautas primitivas, de Martin, "Amatemi", canção de Amor de Ma- renzio (1580) e "Alguns Cantos de Portugal".

A excelente qualidade do ato, aliada à maestria dos seus intérpretes, nesse repertório de música medieval, única artística que veio amenizar os dias do Seminário.

Foi este profundo conhecedor do povo, costumes e literatura portuguesa o Prof. Massaud Moisés que, neste Seminário, conseguiu prender a atenção do público com o de Verão que, deste modo, teve o mesmo alto gabarito dos anteriores.

A conferência sobre a ficção contemporânea em Portugal, dirigida pelo Prof. Massaud Moisés foi um estudo em profundidade dos atuais romances que, apesar das restrições impostas, conseguem sobrepor-se e resistir às duradouras.

Esta conferência será parte de um programa comemorativo ao XV Seminário de Verão que teve como título geral "50 Anos de Literatura Portuguesa".
O Prof. Massaud Moisés é um especialista em Literatura Portuguesa, uma vez que é autor de "A Literatura Brasileira através dos Textos" e "Bolsa-mo" na literatura brasileira.



Fala o escritor Hermilo Borba Filho, ladeado pelo dramaturgo Ariano Suassuna e o Prof. Joel Pontes. Vêem-se ainda o cônsul de Portugal e a professora Diva Macedo (Natal).



O Reitor Marcionilo Lins e o Prof. Joel Pontes por ocasião da abertura do XV Seminário de Verão da Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano



O Prof. Soares Amora, (USP) cuja brilhante conferência encerrou o ciclo neste XV Seminário de Verão.

GUESA (1923/1973)

de ANGELA DELOUCHE



Fala o escritor Hermilo Borba Filho, ladeado pelo dramaturgo Ariano Suassuna e o Prof. Joel Pontes. Vêm-se ainda o cônsul de Portugal e a professora Diva Macedo (Natal).



O Reitor Marconilo Lins e o Prof. Joel Pontes por ocasião da abertura do XV Seminário de Verão da Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano



O Prof. Soares Amora, (USP) cuja brilhante conferência encerrou o ciclo neste XV Seminário de Verão.

Aquilino Ribeiro

Ao apresentar Hélio Simões — afirmou Joel Pontes — não vou ater-me a um simples defilar de títulos do seu currículo, aliás rico e extenso, pois a sua personalidade extravasa, de muito, os limites curriculares. Diretor do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia e do Centro de Estudos Portugueses é o Decano mundial dos professores de Literatura Portuguesa. Para dar uma idéia do que é o amor de Hélio Simões pelas letras, basta salientar que, já tendo o título de doutor em Medicina, abandona a carreira para satisfazer um desejo mais íntimo, mais profundo e interno: dedicou-se à literatura. E foi lendo, conversando e pelejando em suas demoradas andanças por terras de Portugal e da França que Hélio Simões tornou-se uma das mais expressivas e atuantes figuras de intelectual brasileiro e dos mais versados em literatura portuguesa.

O professor é um conversador, — afirmou de início Hélio Simões — mesmo através do aparato erudito das conferências. Ao lembrar a figura de Aquilino Ribeiro o que primeiro vem a minha memória é o som do seu toc-toc na porta do meu quarto, às cinco da manhã, no cortante frio da Serra da Nave, para ir caçar e ver os dólmenes. Andava ele nesse tempo em que fui seu hóspede, pondo em polvorosa os arqueólogos, pois com sua imaginação de romancista dizia que "é nosso o que está cá do nosso lado e que nem S. Pedro de Roma ou a Catedral de Bolonha são tão valiosos quanto os dólmenes da serra da Nave. Logo cedo acordava eu, ao seu toc-toc e sua saudação: "Benedicamus Domino" em latim, naturalmente, pois o agnóstico guardava as lembranças do seu tempo de seminarista.

Minha primeira leitura de Aquilino foi de completa perplexidade: não entendi nada de nada. A língua por ele empregada, profundo conhecedor do idioma, das virtualidades expressivas da língua transfiguradas

no seu estilo sem par, punham o neófito em total perplexidade. São famosos os neologismos aquilianos.

De tempos em tempos, abandonava tudo; ia, então, perambular pelas aldeias e pelas praias para "desenferrujar a língua", segundo afirmava. Cabelos ao vento, sarnarra jogada às costas, calças largas de lã. Era um homem da montanha, forte e sadio, um profundo conhecedor do idioma; não a língua fradesca, mas uma língua etimológica, pois ele buscando as raízes profundas do idioma recria a linguagem popular, não a popularesca, com uma vitalidade profunda, sabendo dar a cada coisa a sua denominação própria, o giro da frase com toda a sua possibilidade musical.

Em seu livro, *A Casa Grande de Romangians*, uma crônica romaneada através de nove gerações, podemos observar o fiel crente no ofício de escrever. Dos seus romances um tanto proustianos fica-nos a presença de um digno representante destes 50 anos. É um grande senhor da língua, mergulhado no seu ofício na casa da Cruz Quebrada, nos arredores de Lisboa e deixa-nos uma obra que é um marco de tal qualidade que o coloca, no século XX, à altura de um Camilo ou de um Eça.

Aquilino Ribeiro ficará na Literatura Portuguesa. Admirado, continua sendo o mais editado. Ainda que tenha escrito novelas como *O Malhadinho*, não foi de todo um ficcionista, mas sabia transfigurar a realidade transitória da existência como em certas passagens da infância em suas novelas beirões. Por isso que se diz que todo escritor traz um livro na barriga que ele tem que desovar, que ele tem de parir.

Ao contrário de Camilo Castelo Branco a quem não convinha recordar e, ao mesmo tempo, possuía um extraordinário dom imaginativo, Aquilino Ribeiro acreditou no ofício de escrever: o estilo é o homem.

Dramaturgia portuguesa contemporânea

A dramaturgia portuguesa esteve a cargo de Hermilo Borba Filho, pernambucano, formado em Direito sem nunca haver exercido a profissão. Encenador, romancista e ensaísta. É professor na Universidade Federal de Pernambuco. Exerceu vários e importantes cargos públicos, foi crítico de teatro em jornais do Recife e de São Paulo, fundou e dirigiu grupos de teatro dos quais os mais importantes foram o Teatro do Estudante de Pernambuco e o Teatro Popular do Nordeste, que revolucionaram a dramaturgia e o espetáculo da região. É escritor de inúmeras obras. Foi apresentado ao plenário pelo teatrólogo e romancista Ariano Suassuna que recordou o tempo em que ambos e também Joel Pontes faziam Direito. Frieu a influência que Hermilo exerceu sobre ele, Ariano, e ainda exerce — vocês não viram agora mesmo, eu ia falar em pé, mas me orientou: "senta, que eu vou falar sentado". Lembrou Lorca e que conheceu o grande teatrólogo espanhol por intermédio de Hermilo, e que também começou a escrever teatro a pedido de Hermilo na época dirigindo e renovando o Teatro do Estudante. De Hermilo recebeu a ordem: "Você vai escrever uma peça de teatro todo ano, por encomenda". Depois disto, — declarou Ariano: "peguei o vício". A respeito de influência lembrou Gide: a inclinação depende do declive. Isto é, a gente só recebe influência quando descobre no outro pontos de contacto idênticos. Ariano declarou ainda que está escrevendo romance também por ordem de Hermilo que lhe disse por carta: "Você está na obrigação de escrever um romance" e já vou além das 600 páginas, acrescentou.

Ora, depois dessas confissões de Ariano em relação a Hermilo Borba Filho torna-se supérfluo acrescentar qualquer coisa. O facto é que estamos diante de dois grandes nomes, de dois grandes escritores.

Hermilo Borba Filho começou afirmando que apesar da herança de Gil Vicente, "sem nenhuma dúvida um dos maiores gé-

nios da história do teatro, Portugal não teve, até os dias de hoje, um dramaturgo de repercussão universal, um dramaturgo que tendo partido do particular da sua terra e da sua gente se projetasse no plano geral". Fato esse que, segundo o conferencista, se deve a uma determinada forma de governo que produz a esterilidade não somente no campo das letras mas também nas artes plásticas, na música erudita, no cinema. "Do país que amamos, — afirmou Hermilo Borba Filho — só nos resta o fado".

Prosseguindo em sua dissecação da dramaturgia portuguesa, o conferencista citou Júlio Dantas (*A Cela dos Cardeais*) e daí passou aos novíssimos autores dramáticos: Eugénio de Castro, António Patrício, Alfredo Cortez, Vasco de Mendonça Alves, Rui Chianca, Vitoriano Braga, Carlos Selvagem, Joaquim Paço D'Arcos e se detém em Raul Brandão, em Miguel Torga, em José Régio, em José de Almada Negreiros, este o pioneiro do teatro moderno português.

Distingue ainda Bernardo Santareno, Romeu Correia, este com sua peça *Roberta*, apresentada à *A Pena e a Lei*, do brasileiro Ariano Suassuna, este, sim, herdeiro de Gil Vicente mais que qualquer outro dramaturgo português.

Um teatro da crueldade nasceu com Flamarão Hasse Pais Brandão *Os Chapéus de Chuva* que pratica um teatro de protesto, como dinamite.

Hermilo Borba Filho ressalta, ainda, o valor de Luiz de Sítua Monteiro. Por ele, afirma, eu não teria quase negado a existência de um teatro português. Monteiro e Natália Correia estão fazendo surgir, em Portugal, uma verdadeira dramaturgia. "Um teatro que passa a se preocupar com as dores do Homem está mais perto de se universalizar, e no plano da tragédia — não tardará muito a explodir em palavras, gestos, atos, numa mistura do artístico e do humano, evidenciando a grandeza de um país à beira do mundo".

Os periódicos e a crítica

O Ciclo de Conferências do XV Seminário de Verão foi brilhantemente encerrado pelo Prof. Antônio Soares Amora, da Universidade de S. Paulo. *Os Periódicos e a Crítica*, tema geral de sua palestra, foram divididos em quatro tópicos: introdução; noções básicas para o Seminário; os periódicos e a crítica literária portuguesa destes 50 anos.

O Prof. Soares Amora fez o estudo de um documento: *Presença*, folha de Arte e Crítica, publicada em Coimbra a 10 de março de 1927 onde José Régio escreveu um artigo intitulado *Literatura Viva*, onde afirma: "Em arte é vivo tudo o que é original. É original tudo o que provém da parte mais virgem, mais verdadeira e mais íntima de uma personalidade artística. A primeira condição numa obra viva é, pois, ter uma personalidade e obedecer-lhe".

Para Régio dois vícios tornam grande parte da literatura contemporânea de caráter dúbio e inferior: a falta de originalidade e a falta de sinceridade.

Baseado nestes conceitos, o Prof. Amora criou os participantes com perguntas oportunas, conduzindo-os inteligentemente ao raciocínio dentro do tema proposto.

Segundo Régio "literatura viva é aquela em que o artista insuflou a sua própria vida e que por isso mesmo passa a viver de vida própria". E prossegue: "Sendo esse artista um homem superior pela sensibilidade, pela inteligência e pela imaginação, a literatura viva que ele produz será superior; imarcessível, portanto, às condições do tempo e do espaço".

Dentro desta linha de Régio, no documento apresentado, Gil Vicente é espantosamente vivo através de seus autos e as comédias de Sá de Miranda irremediavelmente mortas. Afirmou ainda, que um pequeno prefácio de Fernando Pessoa diz mais que um grande artigo de Fidelino de Figueiredo.

O Prof. Amora foi apresentado pela Profa. Francisca Zuleide secretária do Seminário.

Como funciona o programa da Pós-Graduação na Universidade

A Universidade Federal de Pernambuco, através da Pró-Reitoria para Assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação, institui bolsas com a finalidade de promover e estimular o desenvolvimento da investigação científica e o aprimoramento científico e tecnológico em todo os domínios do conhecimento.

As bolsas são concedidas nas seguintes áreas:

ENSINO E PESQUISA BÁSICOS

1. Artes e Comunicações
2. Ciências Exatas e da Natureza
3. Ciências Biológicas
4. Filosofia e Ciências Humanas.

ENSINO PROFISSIONAL E PESQUISA APLICADA

1. Educação
2. Ciências Sociais Aplicadas
3. Ciências da Saúde
4. Tecnologia

III — CATEGORIAS

A Pró-Reitoria para Assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação concede bolsas nas seguintes categorias:

- a- Iniciação Científica
- b- Pesquisa
- c- Pós-Graduação

a) As bolsas de Iniciação Científica destinam-se a estimular a formação de pesquisadores e são concedidas a alunos dos cursos de graduação, aprovados em disciplinas relacionadas com o assunto a que se propõe pesquisar, mediante a apresentação de um plano de trabalho, a ser orientado por professor com tradição de pesquisa.

Uma subcategoria de bolsas de Iniciação Científica é destinada a concluintes dos cursos de graduação, para cumprimento de suas programas de estágio.

b) As bolsas de Pesquisa são concedidas a diplomados em cursos superiores, mediante a apresentação de Plano de Trabalho a ser orientado por professor com tradição de pesquisa. Objetivam aprimorar e desenvolver a pesquisa no âmbito da Universidade.

c) As bolsas de Pós-Graduação são concedidas a graduados matriculados em cursos de pós-graduação (Mestrado e Doutorado), em desenvolvimento na Universidade Federal de Pernambuco, ou em outros Centros devidamente credenciados, que atendam aos interesses dos programas de ensino e pesquisa na UFPe. Prioritariamente, as bolsas de Pós-Graduação são concedidas a docentes da Universidade, ou candidatos que venham a ser integrados ao corpo docente da Universidade, após conclusão dos seus cursos. Ainda no setor de bolsas de Pós-Graduação são concedidas bolsas para Residência Médica e de Enfermagem, objetivando completar a formação profissional nestas áreas.

IV — DO REGIME, DURAÇÃO E VALOR

a) As bolsas de Iniciação Científica são concedidas por prazo de 9 meses (abril a dezembro), sendo obrigatória a dedicação de, pelo menos, 12 horas semanais. Aos bolsistas de Iniciação Científica não é permitido outra atividade de que não o atendimento do currículo de graduação. É vedada a duplicidade de bolsas. As bolsas de Iniciação Científica poderão ser renovadas por 2 períodos. O valor das bolsas de Iniciação Científica será correspondente a um salário mínimo da Região.

b) As bolsas de Pesquisa são concedidas por prazo máximo de 10 meses (março a dezembro) dentro do mesmo exercício, sendo obrigatória a dedicação de, pelo menos, 20 horas semanais. Aos bolsistas de Pesquisa só é permitido o desenvolvimento de atividades afins. Prioritariamente serão concedidas a candidatos ligados aos Departamentos. É vedada a duplicidade de bolsas, somente sendo permitida esta duplicidade para os casos de dedicação exclusiva. As bolsas de Pesquisa poderão ser renovadas por 2 períodos. O valor das bolsas de Pesquisa será de 3 salários mínimos da Região.

c) As bolsas de Mestrado e Doutorado serão concedidas por prazo de 12 meses (janeiro a dezembro), ficando sua renovação na dependência do rendimento do aluno no respectivo curso. A duração prevista é de 2 anos para os cursos de mestrado e de 3 anos para os cursos de doutorado. As bolsas de Pós-Graduação serão prioritariamente concedidas a alunos de cursos de mestrado e doutorado que, pela natureza de suas atividades, necessitem dar dedicação exclusiva aos programas. Para estes casos, o valor das bolsas atenderá ao teto de 5 salários mínimos da Região, sendo permitido a acumulação de uma segunda bolsa proveniente de outra instituição, nunca ultrapassando dez salários mínimos da Região.

As Bolsas de Pós-Graduação são destinadas a candidatos pertencentes ao corpo docente da Universidade, podendo, entretanto, ser concedidas a outros candidatos que, através de termo de compromisso, possam vir a ser vinculados a UFPe., comprometendo-se a servir aos seus programas após a conclusão do curso. Em ambas as hipóteses, os candidatos deverão ser recomendados pelo Departamento. Em se tratando de bolsistas estrangeiros ao quadro da UFPe., que por motivos pessoais não tenham cumprido o programa ou após a obtenção do título se vinculem a outra instituição, obrigam-se a devolver a UFPe. todo o montante recebido a título de bolsa.

A subcategoria de bolsa de Pós-Graduação para Residentes, nas áreas de Medicina e Enfermagem, são concedidas a graduados e a seleção será feita pela Comissão de Residência, após publicação de Edital, na imprensa local.

A duração das bolsas de Residência Médica é de 2 anos, podendo, excepcionalmente, ser considerado um 3º ano. O valor das bolsas de Residência Médica é de:

- 1º ano — 3 salários mínimos da Região
- 2º ano — 4 salários mínimos da Região
- 3º ano — 5 salários mínimos da Região

A Residência de Enfermagem será de 2 anos em regime de dedicação exclusiva, com um valor correspondente a:

- 1º ano — 2 salários mínimos da Região
- 2º ano — 3 salários mínimos da Região

V — DA SOLICITAÇÃO

1. Os candidatos a bolsas deverão preencher formulários de acordo com o modelo regulamentar da Pró-Reitoria para Assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação, que serão devidamente encaminhados pelo Departamento interessado. Não serão considerados os pedidos que não observarem esta exigência, ou que apresentarem formulários incompletamente preenchidos.

2. As solicitações de bolsas deverão ser dirigidas à Pró-Reitoria para Assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação, obedecendo às datas fixadas no cronograma estabelecido nas presentes instruções. As solicitações das bolsas de Iniciação Científica e de Pesquisa deverão ser apresentadas por Pesquisador ou Professor que assumam o encargo de orientar o trabalho do bolsista, com a concordância do Departamento e do Diretor da Instituição, a que estiver subordinado. As solicitações de bolsas de pós-graduação deverão ser acompanhadas de comprovantes de inscrição no curso respectivo, e sua programação.

a) Bolsas de Iniciação e Pesquisa

Os principais critérios para seleção dos bolsistas serão os seguintes:

1. apreciação dos méritos do candidato;
2. renome e idoneidade científica do Orientador;
3. natureza do trabalho e respectivo plano;
4. aproveitamento curricular do candidato, partindo do concurso de habilitação;
5. conceito do Departamento onde desenvolverá suas atividades e condições mínimas do mesmo Departamento, para desenvolvimento do plano proposto, independentes de outras ajudas provenientes de recursos da Universidade;
6. Os pedidos de bolsas somente serão submetidos à decisão da Câmara de Pesquisa, depois de devidamente apreciados e aprovados ao nível departamental, devendo fazer parte do corpo do processo parecer detalhado do Departamento.

Os principais critérios para seleção de bolsas de pós-graduação são os seguintes:

1. apreciação dos méritos do candidato;
2. avaliação do histórico escolar;
3. interesse para a Universidade Federal de Pernambuco do curso proposto;
4. regime de trabalho e programação a serem cumpridos no curso;
5. vinculação ao corpo docente da UFPe., ou a programas especiais, de real interesse para a Universidade;
6. as bolsas para o exterior só serão concedidas a candidatos que já tenham esgotadas as possibilidades de aperfeiçoamento no País, e pertençam ao quadro da Universidade Federal de Pernambuco.

VII — DO CANCELAMENTO E SUSPENSÃO

1. As Instituições e os Professores orientadores deverão solicitar à Pró-Reitoria para Assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação ou cancelamento de bolsas dos candidatos que não demonstrem suficiente dedicação, assiduidade ou interesse pelos programas.
2. A falta do envio de frequência no prazo estabelecido pela Pró-Reitoria para Assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação implicará na suspensão imediata do pagamento. O cancelamento da bolsa se efetivará após dois meses, contando da data em que ocorreu a falta.
3. As bolsas de Pós-Graduação serão canceladas em caso de reprovação do bolsista em uma disciplina do curso.
4. Os bolsistas de Iniciação Científica, Pesquisa e Pós-Graduação são obrigados a apresentar relatórios semestrais das suas atividades. O não cumprimento desta exigência implicará na suspensão imediata do pagamento e cancelamento de bolsa, vencido o prazo determinado para entrega do relatório.

Natureza	Prazo de apresentação (até)	Julgamento (até)
Iniciação Científica	31 de dezembro	28 de fevereiro
Est. Concluintes	31 de janeiro	28 de fevereiro
Pesquisas	30 de novembro	31 de janeiro
Pós-Graduação	31 de janeiro	31 de março
Residência	31 de dezembro	31 de janeiro

Convênio fixa normas para o Vestibular-74

Para a implantação definitiva do sistema de vestibular unificado, no Recife, foi assinado convênio entre o Departamento de Assuntos Universitários do MEC, Convesu, e as instituições participantes — UFPe., UCP, UFRP, e FESP. A cerimônia teve lugar no gabinete do titular da Delegacia Regional do MEC em Pernambuco, Prof. Syleno Ribeiro, com a participação do Diretor do DAU, Heitor Gurgulino de Souza; do Presidente da Convesu, Prof. Carlos Serppa; Reitores Marclônio de Barros Lins, UFPe.; Rubem Gondim Lossio, UCP; Cláudio Martiniano Selva, UFRP; e Antônio Figueira, pela FESP. A cerimônia teve lugar no gabinete do titular da Delegacia Regional do MEC em Pernambuco, Prof. Syleno Ribeiro, com a participação do Diretor do DAU, Heitor Gurgulino de Souza; do Presidente da Convesu, Prof. Carlos Serppa; Reitores Marclônio de Barros Lins, UFPe.; Rubem Gondim Lossio, UCP; Cláudio Martiniano Selva, UFRP; e Antônio Figueira, pela FESP.

Foram criadas comissões coordenadoras setoriais, subordinadas ao CESESP, para cada uma das três grandes áreas em que foram distribuídos os cursos oferecidos pelas quatro instituições: Ciências Humanas, Letras e Artes, Ciências Exatas e Tecnologia e a de Biociências. Cada comissão é composta de quatro membros, nomeados pelo diretor do DAU, encarregados da execução do concurso, em suas respectivas áreas.

O CESESP iniciou imediatamente o planejamento do concurso e já aprovou os programas.

UFPe. Distribui suas vagas para o Concurso

No Concurso Vestibular de 1964, a U.F.Pe. oferece as seguintes vagas, discriminadas por Curso:

1 — Administração de Empresas	: 60 vagas - 1º semestre
	: 60 vagas - 2º semestre
2 — Administração Pública	: 40 vagas
3 — Biblioteconomia	: 50 vagas
4 — Ciências Contábeis	: 40 vagas
5 — Ciências Econômicas	: 150 vagas - 1º semestre
	: 70 vagas - 2º semestre
6 — Ciências Sociais	: 60 vagas
7 — Comunicações Sociais	: 60 vagas
8 — Direito	: 150 vagas - 1º semestre
	: 70 vagas - 2º semestre
9 — Educação	: 100 vagas - 1º semestre
	: 50 vagas - 2º semestre
10 — Filosofia	: 50 vagas
11 — Geografia	: 40 vagas
12 — História	: 50 vagas
13 — Letras	: 60 vagas - 1º semestre
	: 60 vagas - 2º semestre
14 — Serviço Social	: 60 vagas
15 — Secretariado	: 80 vagas
16 — Engenharia Cartográfica	: 30 vagas
17 — Engenharia Civil	: 110 vagas - 1º semestre
	: 65 vagas - 2º semestre
18 — Engenharia Elétrica	: 50 vagas - 1º semestre
	: 40 vagas - 2º semestre
19 — Engenharia Mecânica	: 50 vagas
Engenharia Minas	: 40 vagas
20 — Engenharia Química	: 35 vagas - 1º semestre
	: 35 vagas - 2º semestre
21 — Estatística	: 30 vagas
22 — Física bacharelado e licenciatura	: 60 vagas
23 — Geologia	: 40 vagas
24 — Matemática	: 60 vagas
25 — Química bacharelado e licenciatura	: 20 vagas
26 — Química Industrial	: 30 vagas
27 — Ciências Biológicas e Biomédicas	: 60 vagas - 1º semestre
	: 60 vagas - 2º semestre
28 — Enfermagem	: 40 vagas - 1º semestre
	: 40 vagas - 2º semestre
29 — Farmácia	: 40 vagas - 1º semestre
	: 40 vagas - 2º semestre
30 — Fisioterapia e Terapia Ocupacional	: 50 vagas
31 — Medicina	: 160 vagas - 1º semestre
	: 60 vagas - 2º semestre
32 — Nutrição	: 60 vagas
33 — Odontologia	: 40 vagas - 1º semestre
	: 40 vagas - 2º semestre
34 — Psicologia	: 60 vagas
35 — Educação Física	: 50 vagas
36 — Arquitetura	: 50 vagas - 1º semestre
37 — Comunicação Visual	: 50 vagas - 2º semestre
38 — Desenho Industrial	: 25 vagas
39 — Licenciatura em Desenho e Plástico	: 25 vagas
40 — Licenciatura em Música	: 20 vagas
	: 20 vagas

Por decisão do Conselho Coordenador de Ensino e Pesquisa foi autorizado o pedido de funcionamento do Curso de Mestrado em Pediatría.

A Professora Helena Moura apresentou a documentação referente ao pedido de autorização para o funcionamento no corrente ano, do Curso de Mestrado em Pediatría, a qual fora anteriormente aprovada pelo Departamento de Pediatría e Puericultura, bem como, a programação do referido Curso.

Parecer

O relator, Prof. Aluizio Bezerra Coutinho, argumentou, através da documentação apresentada, que o Curso de Mestrado em Pediatría encontra-se bem planejado, possuindo todas as condições necessárias para o seu funcionamento, o que satisfaz as formalidades regulamentares exigidas pelo Conselho Federal de Educação. Deste modo, pronunciou-se favorável ao funcionamento do Curso, deliberando a Câmara de Pesquisa e Pós-Graduação.

QUÍMICA CRIA BACHARELADO

O Conselho Coordenador de Ensino e Pesquisa aprovou a criação do Curso de Bacharel em Química, tendo o relator da matéria, Prof. Meyer Mesel apresentado as seguintes razões:

Os Bacharéis em Química são profissionais com profissão reconhecida pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social, com direito e atribuições de mesma amplitude que os demais profissionais da Química, o Curso de Bacharel em Química proporcionará especialização aos alunos que pretenderem se dedicar às análises químicas, pesquisas de laboratório,

pós-graduação (em Físico-Química, Química Analítica ou Química Orgânica) bem como à carreira de Professor Universitário;

a criação do curso proposto não acarretará despesas para a Universidade, pois todas as disciplinas que integram, o seu currículo já são ministradas na Escola de Química.

O currículo proposto para o Bacharelado em Química difere do currículo da Licenciatura pela substituição de Instrumentação para o Ensino da Química 1 e 2, que não são do currículo mínimo, e das disciplinas

pedagógicas por disciplinas específicas quais sejam Iniciação Científica e Estágio em Laboratório (de Química Analítica, de Química Orgânica, de Química Biológica, de Físico-Química); o estágio poderá ser feito em um único dos Laboratórios ou em dois, com carga horária total de 450 (quatrocentos e cinquenta) horas.

O acréscimo de vagas proposto para os cursos de Química — Bacharelado e Licenciatura — é de 10 (dez).

Julgamos satisfatório o currículo proposto assim como o aumento de número de vagas; discorda-

mos, apenas, da afirmativa de que a criação do curso não implicará em aumento de despesa para a Universidade: não haverá aumento de despesa com o corpo docente, mas haverá despesa maior com os materiais a serem usados nas aulas práticas; entretanto este aumento não é de molde a contra-indicar a criação do Curso.

Concordamos com o ponto de vista de que o Curso de Bacharel em Química poderá ser de grande utilidade, além de vir ao encontro da política da Universidade de oferecer novos cursos.

UFPe. homenageia um grande poeta e místico da Espanha

Reportagem de

JOSÉ CARLOS TARGINO

Como já ocorrera em relação a Santa Teresa, a Universidade Federal de Pernambuco resolveu dedicar, através do seu Instituto de Letras, uma Semana de Estudos ao extraordinário místico e poeta espanhol San Juan de La Cruz.

A SEMANA DE SAN JUAN DE LA CRUZ teve como Coordenador o Prof. Padre Romeu Perea, titular de Língua e Literatura Espanhola daquele Instituto, e como conferencistas os Profs. José Lourenço de Lima, César Leal, Maria do Carmo Tavares de Miranda, o próprio Coordenador e, convidado por este último, o Monsenhor Severino Nogueira, recentemente empossado na Academia Pernambucana de Letras.

No ato de abertura da SEMANA DE SAN JUAN DE LA CRUZ, o coordenador Prof. Padre Romeu Perea pediu a todos para dar um aviso e dirigir um apelo:

"Primeiro, o aviso: creio terão observado todos que, tanto na preparação desta Semana, como na que, ano passado, dedicamos à Santa Teresa de Jesus, todo o esforço do modesto Coordenador foi no sincero desejo de dar a esta Semana um caráter rigorosamente universitário, tentando conseguir uma autêntica reunião em família, de mestres e alunos, não se preocupando, inclusive, de convidar para o seu comparecimento outras autoridades fora das especificamente universitárias, comparecimento que muitos consideram uma presença necessária — não digo honrosa — e uma prova inequívoca de triunfo em toda iniciativa.

Creio, pelo contrário, que não nos cabe o direito de ocupar as autoridades em tudo quanto pensamos ou fazemos; mas nos cabe a obrigação de levar, depois, a essas autoridades o fruto dos nossos esforços.

Dai, pois, o apelo: façamos esta Semana de maneira que, uma vez concluída, as próprias autoridades nos agradeçam o serviço que prestamos à Universidade, e, através desta, à Nação, a quem todos devemos ajudar para o seu engrandecimento".

Ao afirmar que procurou deixar toda liberdade aos conferencistas, dando a cada um aquilo que lhe pareceu mais conforme à sua formação e temperamento, à sua especialidade ou preferência, o Prof. Padre Romeu Perea apresentou o expositor inicial da Semana, Prof. José Lourenço de Lima, que pronunciou conferência sob o tema "San Juan de La Cruz e seu Século".

José Lourenço de Lima — "com o clássico desembaraço com que manipula a língua, que o torna um dos nossos maiores estilistas, e com a elegância literária com que sabe revestir as suas idéias", conforme as palavras de apresentação do Coordenador — iniciou sua palestra fazendo um retrospecto dos acontecimentos históricos da cultura ocidental, fundamentalmente greco-latina, na variedade de seus aspectos.

Diz o conferencista: "Quando os gregos, primeiros e remotos implantadores desses saberes, aventuraram-se para o Oriente, com a penetração de Felipe e Alexandre, e fundaram colônias no Ocidente, às quais transportavam o fogo sagrado da mãe-pátria, estavam traçados os destinos do mundo ocidental". E a história cultural do Ocidente tem no século XVI o seu ponto talvez mais expressivo, tendo em vista os inumeráveis

e tão importantes acontecimentos nele verificados.

JUAN DE LA CRUZ E O SÉCULO XVI

San Juan de La Cruz, um dos componentes da grande trindade mística espanhola, da qual também faz parte Santa Teresa, sua amiga e companheira de ofício, "esplendida pelo seu alto magistério, pela originalidade e pela universalidade de sua doutrina mística". Uma excepcional agudeza de análise psicológica, um sentido realista, que muito difere do quietismo e mantém a alma em constante ativismo de suas potências, além de uma enorme erudição bíblica, patristica e helenística que assessorava sua mente criadora, fazem do santo espanhol não apenas uma figura impar da mística do seu país, como também um dos líricos mais relevantes da poesia Ocidental".

José Lourenço, que fez inteligentes observações sobre os místicos espanhóis do séc. XVI, muitos dos quais influenciados pelos italianos, assim concluiu a sua conferência: "Infelizmente, não temos um herói de santidade. Apeguemo-nos, ao menos nesta Semana, às obras de San Juan de La Cruz e busquemos um convívio, mesmo ocasional, com a "Subida do Monte Carmelo", a "Noite Escura da Alma", o "Cântico Espiritual" e a "Chama de Amor Viva" e, pelo menos por uma Semana, respiremos um clima diferente".

MAGISTÉRIO DO SANTO

Para falar sobre o "Magistério de San Juan de la Cruz" e, conseqüentemente, dar seqüência às palestras da Semana, o Coordenador apresentou ao público o acadêmico Monsenhor Severino Nogueira: "E ninguém mais autorizado do que o Monsenhor Nogueira para falar sobre este magistério, ele que é um consumado humanista, carregado de títulos e méritos, e é também um sacerdote heróico e edificante que vive a difundir, depois de vivê-la, esta ascese de San Juan de la Cruz, ascese que exige uma dura negação e uma áspera renúncia a tudo quanto de Deus nos separe".

Eis aqui alguns tópicos da palestra do monsenhor Severino Nogueira: "A obra doutrinária de San Juan de la Cruz não é mais do que a sistematização de suas experiências pessoais. Morto em 1591, somente em 1918 foram publicadas suas obras e seu magistério se estabeleceu em toda a Igreja, reconhecido em 1726 quando foi canonizado e, solenemente, em 1926 quando Pio XI o proclamou "Doutor".

"Referindo-se à noite obscura ativa dos sentidos, expõe San Juan de la Cruz, com extraordinário conhecimento bíblico, e não menor experiência da alma humana, o que se poderia chamar notável tratado das paixões consideradas mais na sua acepção moral e ascética, do que no seu significado psicológico".

"Poucos povos do séc. XVI se encaminhavam para o misticismo como o povo espanhol. Se não estivesse essa tendência para a mística, por si mesma já tão sujeita à contrafação, submetida a uma disciplina forte, poder-se-ia imaginar como vastas esperanças de penetração se abririam ao lu-

teranismo por conta das doutrinas e das práticas dos "alumbrados".

A propósito da doutrina de passividade concebida pelo místico e poeta, o conferencista afirma "que importam ao mesmo tempo duas cousas: atividade e sossego. Atividade e mais enérgica e sossego o mais tranqüilo somente possível na noite erma e solitária. Isto que poderia parecer paradoxal é fundamental para a compreensão da doutrina do santo místico".

JUAN DE LA CRUZ E A POESIA DO SÉCULO XX

A terceira conferência da Semana coube ao poeta César Leal, titular de Teoria da Literatura do Instituto de Letras, da UFPe, que assim foi apresentado por Frei Romeu Perea: "Poeta e crítico de poesia, o Prof. César Leal prescinde de apresentação ante este auditório. Contudo, cabe-me apresentar o tema da sua conferência: "Estudo Crítico da Poesia de San Juan de la Cruz". E concluiu: "Poucos tão indicados — digo com sincera convicção — para este estudo como o Prof. César Leal que nos tem dado ensaios originalíssimos de interpretação sobre representantes das mais diversas culturas: Dante, Camões, Machado de Assis".

César Leal, exprimindo contentamento por verificar que os seus alunos, em sua quase totalidade, lotavam o Auditório do Instituto de Letras, começou por afirmar que "o estilo de San Juan de la Cruz é demasiadamente estimulante para os que gostam de analisar traços que o diferenciem de outros poetas espanhóis do séc. XVI".

O Prof. César Leal assegurou que ao estudar um poeta antigo — ou que, mesmo não sendo antigo, não chega a ser moderno — traz sempre consigo uma determinada preocupação, que é a de verificar até que ponto tal poeta pertence ao nosso tempo, se suas criações são de fato capazes de proporcionar uma abordagem sincrônica, ou se semelhante poesia continua a influir, ou pode realmente influir ou influi sobre os poetas do nosso tempo.

Em seguida, citando versos do livro *The Four Quartets* ("Quatro Quartetos"), de Thomas Stearns Eliot, faz admiráveis observações quanto às influências exercidas pelo poeta espanhol sobre o anglo-americano. Estes são os versos a que se refere o poeta César Leal:

"Para possuir o que não possuis
Deves seguir pelo caminho da des-
[possessão.
Para chegar ao que não és
Deves cruzar pelo caminho em que
[não és",

que acrescenta serem "tão modernos que para alguns críticos desarmados, não chegariam sequer a ser poesia, não passando de um jogo de palavras, embora jogar com as palavras não seja uma característica freqüentemente observada na poesia de T.S. Eliot". Vale ressaltar que outras observações dessa natureza foram feitas com relação ao sistema místico-metafísico do grande poeta irlandês W. B. Yeats, geralmente considerado o maior poeta da contemporaneidade.

AS ALTITUDES DO MÍSTICO

"O Padre Romeu Perea é, antes de tudo, um teólogo. Para ser teólogo tinha de ser, necessariamente, filósofo, e, para ser filósofo, não poderia deixar de ser humanista".

Estas foram as palavras, entre outras, com que o escritor Orlando Parahym, da Academia Pernambucana de Letras, saudou o Prof. Romeu Perea, Coordenador e quarto conferencista da Semana. Frei Romeu Perea, a quem o Instituto de Letras deve mais uma semana de estudos dedicada a uma outra figura das letras e mística espanholas, falou sobre a "Formação Humanística de San Juan de la Cruz". E eis algumas das passagens desta conferência:

"O começo, meio e crescimento, no nosso estudo, corresponderão, sucessivamente, aos cursos primário, médio e superior em San Juan de la Cruz, estudo que faremos seguindo de preferência entre muitas outras fontes, a biografia do místico doutor, escrita pelo Padre Crisógono de Jesus".

"Aquele jovem que encontrou Santa Teresa, não era ainda "a figura mais egrégia da cultura hispânica e uma das principais da cultura universal", que depois viria a ser, correspondendo esse depois ao nosso agora, quando terminadas as suas fases de começo, meio e crescimento que procuramos examinar breve e rapidamente, num estudo mais sintético do que analítico, mais crítico do que apologetico, se transformou no Reformador, no Escritor, no Doutor universal, enfim, que uns respeitam e admiram e outros amam e veneram".

Com a presença do Reitor Marclonilo Lins, da UFPe, foram concluídos os trabalhos pertinentes à SEMANA DE SAN JUAN DE LA CRUZ. E sob o tema "Metafísica e Mística em San Juan de la Cruz" a Profa. Maria do Carmo Tavares de Miranda, do Instituto de Filosofia, da UFPe, pronunciou a quinta e última das palestras da Semana.

JUAN DE LA CRUZ METAFÍSICO

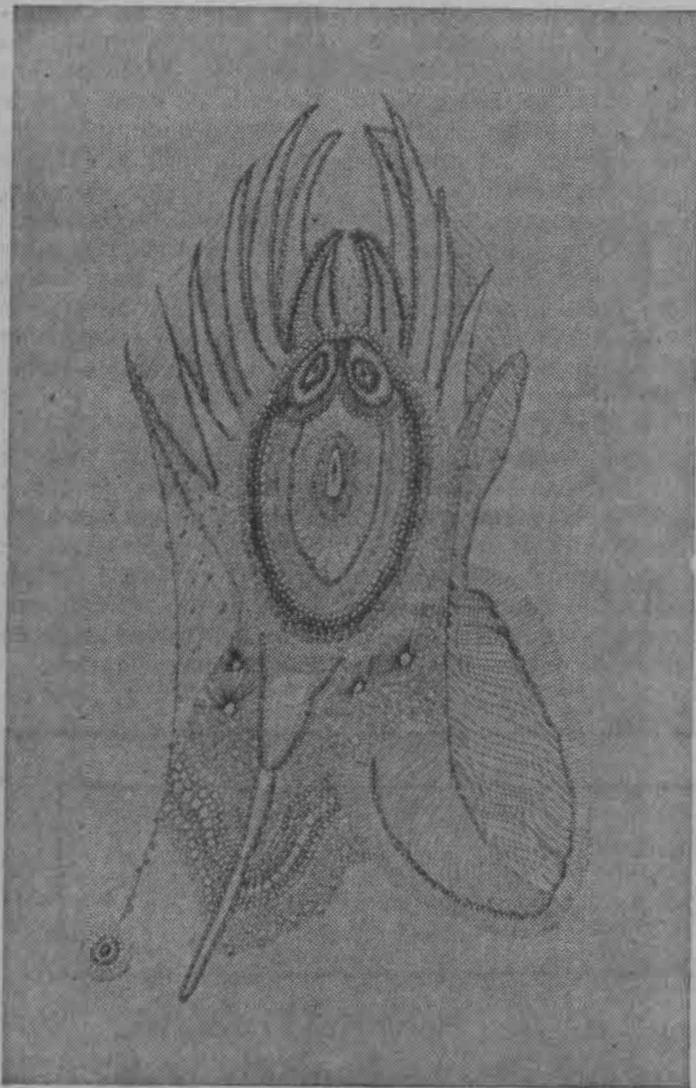
Ex-aluna de Martin Heidegger, Maria do Carmo Miranda afirma, inicialmente, que "de modo algum estamos a pensar ou a querer estabelecer que metafísica e mística sejam uma só coisa. Vale, porém, ressaltar que a experiência mística nela mesma, e no caso particular, a de San Juan de la Cruz, toca essencialmente e com profundidade em questões fundamentais da problemática metafísica".

Ela acredita na atualidade de um San Juan de la Cruz para a compreensão da história fenomênica e ontológica da consciência individual; por outro lado, lamenta que o pensamento do Santo não seja estudado com profundidade.

Afirma que os melhores comentadores e estudiosos do Santo consideram "Subida do Monte Carmelo" e "Noite Escura", uma só obra. E diz: "Noite Escura e Subida do Monte Carmelo", podemos dizer que é fruto de uma experiência de desnudamento de renúncia de todos os sentidos, mesmo também do entendimento, da memória, e da vontade, do mesmo modo que é ação de recepção da criatura ao trabalho de Deus".

"Por isso a Subida é Noite Escura, e a Noite Escura é uma Subida ao Monte".

Novo Horizonte da Arquitetura Profissional



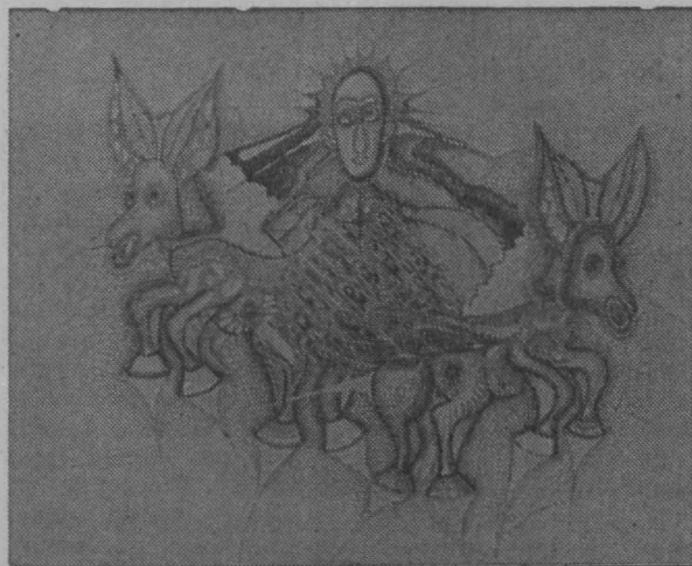
Fernando Farias, 22 anos, 3º ano de Arquitetura, ex-aluno da Escola de Artes, onde fez os Cursos Básicos de Desenho, Pintura, Escultura e Gravura, já participou de várias exposições em alguns Estados do Brasil, tendo exposto várias vezes no Recife, no Museu do Estado, Museu de Arte Contemporânea e Oficina 154 (Olinda). Aqui, ele faz um relato de suas experiências e do que pensa dos problemas relativos ao profissional de Arquitetura no Brasil de hoje, perspectivas, etc.

Indagado sobre o "porquê" da escolha da profissão de arquiteto e não de desenhista, uma vez que sua atividade é mais ligada ao Desenho, Fernando Farias respondeu: "Situei-me no campo da Arquitetura por causa de uma série de valores que fazem parte do meu modus-vivendi. O Desenho, o sentido natural do objeto em relação ao espaço físico que o rodeia a imaginação, o gosto pela ambientação; além da apreciação e um certo entendimento de teatro, cinema, televisão e música. Acho que, sem dúvida, todos esses valores contribuem fortemente para a formação do arquiteto".

Sua concepção sobre a Arquitetura brasileira: "Já são

passados mais de cinquenta anos, desde a fundação do Instituto de Arquitetos do Brasil, em 1921, e um período de tempo equivalente qualifica a idade de experiência brasileira no campo da arquitetura moderna, desde a chegada de Warchavchik, e logo depois, de Le Corbusier, ao Brasil. Esses longos anos que nos separam dessa época inicial assistiram ao florescimento de uma arquitetura que cobriu de glórias um elevado número de arquitetos brasileiros, que souberam louvar sua missão de pioneiros, vinculando-se de maneira definitiva a uma das contribuições mais expressivas para o enriquecimento da cultura nacional. As fronteiras dos países foram transpostas e a excelência da arquitetura brasileira se fez apesar das escolas de Arquitetura. Tudo em função do autodidatismo, de pura inspiração e da genialidade. As consequências estão aí: a experiência universitária brasileira no campo de arquitetura, do urbanismo, é quase nula".

Fernando Farias acha que o arquiteto é um artista, "mas o desenvolvimento através da tecnologia levou-o para o campo técnico". Acrescenta que a atividade arquitetônica



ca consiste também "no processo de produção desse conhecimento artístico que gera e organiza o espaço físico, ao nível técnico e cultural".

Em termos de mercado de trabalho, Fernando Farias declara "que a política administrativa não reserva tarefas para o arquiteto, excluindo-o de um processo em que deva estar integrado". Sobre o conteúdo dos seus desenhos afirma que "parte do onírico ao surreal, mas sempre com uma idéia central de identi-

dade entre o artista e o público".

Das escolas de Arquitetura existentes no Brasil Fernando Farias considera a de Brasília como "a única que poderá gerar um novo profissional", afirmando que conduz a "um comportamento cibernético capaz de produzir a reciclagem — Universidade/profissão — profissão/Universidade — correndo seu ritmo de crescimento e afirmação por saber fazer-se uma profissão útil e necessária".

Crítico Alemão Analisa Obras de Fernando Pessoa e Suassuna



O Instituto de Letras conheceu um dos seus grandes momentos com uma série de palestras proferidas pelo Prof. Georg Rudolf Lind, da Universidade de Bochum, na Alemanha Federal, onde ensina literaturas românicas. O Prof. Rudolf Lind, que veio a convite do Instituto Goethe, através do Consulado Alemão, mostrou-se um grande conhecedor não só da literatura de sua pátria, mas, também, da brasileira e latino-americana.

Sua primeira conferência foi sobre o romancista Siegfried Lenz que, segundo o seu juízo crítico, tem como tema principal em seus romances, o conflito entre a arte e o poder. Sendo um romancista alemão de após guerra — acentuou o prof. Lind — Siegfried Lenz assistiu à queda dos poderosos do III Reich. Isso impressionou a ele profundamente, como a toda a sua geração, de modo que a queda do poder e a desmoralização da violência passaram a ser como que o tema único de seu universo ficcional. Mostrou, ainda, o prof. Lind, que os romances de Lenz, principalmente "Uma lição de alemão", mostram o impasse em que se encontra toda a comunidade alemã, que com o desespero e o sentimento de culpa causados pelo nazismo está perdendo até a consciência de nação.

A segunda conferência do prof. Lind versou sobre Fernando Pessoa, do qual demonstra ser um grande estudioso, possuindo mesmo vasta bibliografia sobre o famoso

poeta português. O tema da conferência foi praticamente a análise de um poema inédito intitulado "Elegia da Sombra", que faz parte dos 25.000 papéis do espólio poético deixado por Fernando Pessoa. O Prof. Lind frisou que o poema, "Elegia da Sombra", que ele estava analisando, obedece a uma linha de poemas que se opõe ao ciclo que ele chamaria de "Ciclo de Mensagem", pois em "Mensagem", que foi o primeiro livro publicado por Fernando Pessoa, está patente, aliada à esperança, a temática da nostalgia da passada glória portuguesa. No poema analisado o futuro português é uma carga e o presente dorme, sem esperança alguma, havendo como o que uma impossibilidade de querer na alma portuguesa. Fernando Pessoa parecia dominado pelo "espírito de fuga" ao elaborar ensaios sobre Cabala, Magia e Rosa Cruz. As estrofes de "Elegia da Sombra" falamos, ao mesmo tempo, do cansaço do próprio futuro na alma portuguesa e de um Sebastianismo nostálgico que representa menos a fé do que uma confirmação dilaceradora de descrença.

Depois de dar palestra sobre a poesia de Fernando Pessoa o professor Rudolf Lind demonstrou, perante ao auditório atento, conhecer toda a evolução do romance brasileiro, de Machado de Assis até os nossos dias, ao estudar Ariano Suassuna, romancista. O auditório sorriu quando o prof. Rudolf Lind, referindo-se a uma certa xenofobia do personagem principal da "Pedra do Reino", D. Pedro Dinis Quaderna, que em

sua necessária afirmação de uma literatura nacional brasileira, considerava todos os povos nórdicos como representantes da "besta loura", — declarou que apesar de Quaderna considerá-lo um dos representantes da "besta loura", como cidadão alemão, simpatizava tanto com ele a ponto de estudar a sua atuação como personagem central do romance de Ariano Suassuna.

O Prof. Rudolf Lind, falando sobre "A Pedra do Reino" declarou ser ela um caso à parte na ficção brasileira contemporânea, nada tendo a ver com o regionalismo, para ele superado, de um Jorge Amado ou de um José Lins do Rêgo e, ao mesmo tempo, se distinguindo da ficção de um Graciliano Ramos e de um Machado de Assis, só encontrando similar, na grandeza, em toda literatura brasileira, no caso de Guimarães Rosa. Mostrou que o romance apresentava quatro coordenadas temáticas: a) o Sebastianismo, o elemento mais onipresente como componente místico no romance; b) a utilização dos romances de cordel; c) análise sobre o destino político do Brasil; d) em lição literária de D. Pedro Dinis Quaderna, que vem também a ser política, por sua tentativa de restaurar a Monarquia. Falou que a incerteza faz parte da própria composição aberta do romance, daí não se saber, durante o tempo de sua leitura, se D. Pedro Dinis será absolvido ou condenado. O personagem, em sua megalomania político-literária, é para ele um louco varrido,

e o seu parentesco com D. Quixote, de Cervantes, parece ser indiscutível. Porque se D. Quixote enlouqueceu através da leitura excessiva dos romances de cavalaria, D. Pedro Dinis Quaderna enlouqueceu com a leitura dos romances de cordel. Só que a loucura de D. Quixote foi muito mais modesta, pois este queria apenas salvar viúvas e donzelas indefesas, ao passo que Quaderna, não contente em ser apenas o gênio da raça brasileira, proclamava-se o sucessor, no Trono do Sertão, de D. João Segundo, o Execrável.

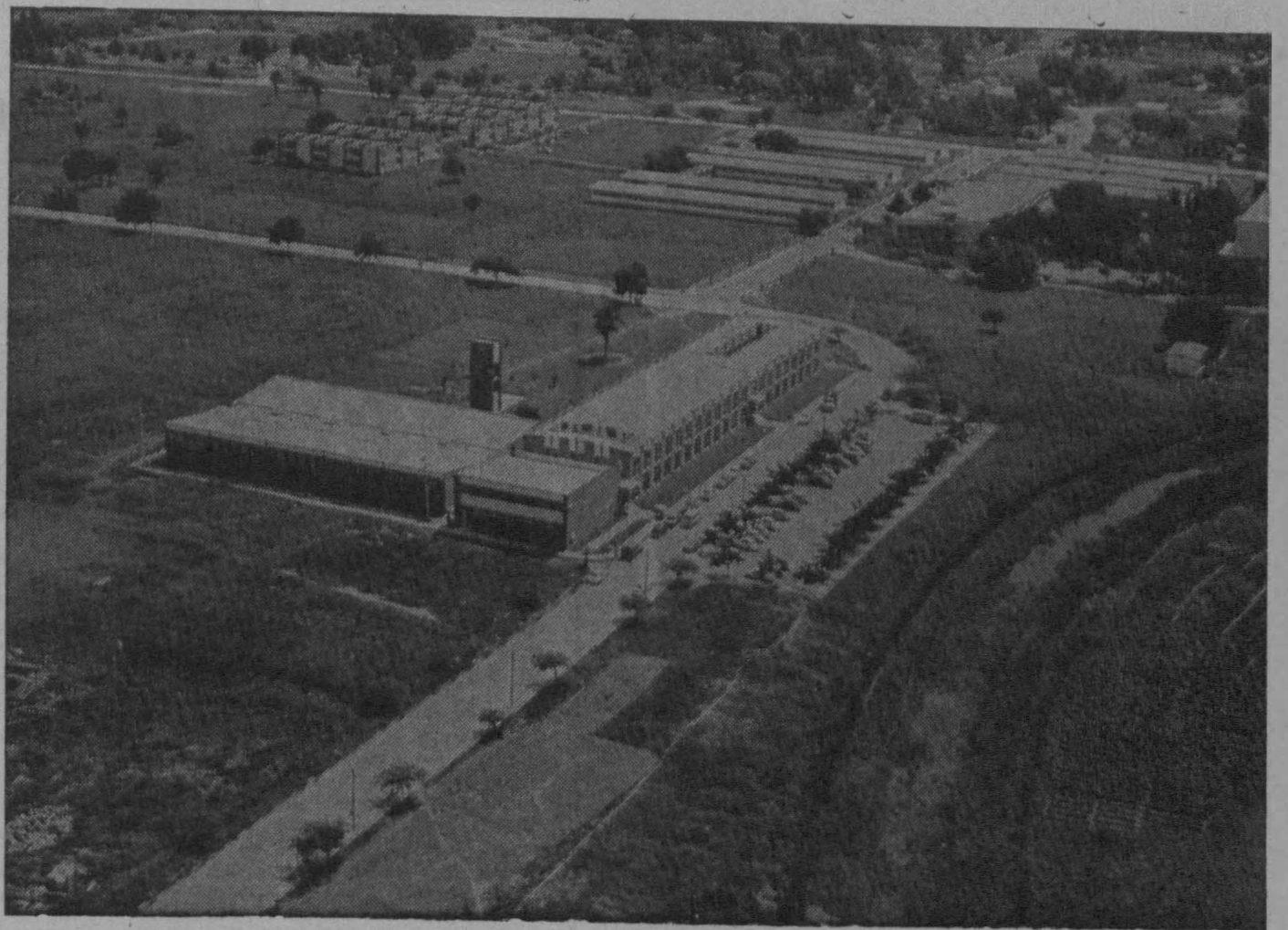
Para o Prof. Rudolf Lind, Ariano Suassuna demonstrou, na sua utilização do regionalismo, (sem ser, entretanto, um mero regionalista), que, tanto quanto Guimarães Rosa, possui a convicção de que uma pequena cidade sertaneja pode conter todo o universo se um escritor for, como Suassuna, um grande artista. Pois assim como Homero reuniu a tradição épica dos gregos, na "Ilíada" e na "Odisséia", Ariano Suassuna reuniu, em seu super-livro, toda a tradição épica brasileira numa obra híbrida por reunir conteúdos de várias espécies, porém uma em sua feição literária. Una e definitiva.

O Prof. Rudolf Lind foi saudado, em nome da Universidade Federal de Pernambuco, pelo Prof. José Lourenço, do Instituto de Letras. Todas as suas conferências suscitaram debates, o que prova o real interesse de professores e alunos que, em grande número, o escutaram.

PLANEJAMENTO DO CAMPUS É META PRIORITÁRIA DA UFPe.

A U.F.Pe. terá, até 1975, conforme o Plano Geral de Ação, novas e maiores instalações no seu Campus capazes de atender às mais modernas e exigentes técnicas de ensino e pesquisas. A construção das obras, a ser iniciada nos próximos dias, dará uma visão das metas administrativas do Reitor Marcionilo de Barros Lins, conforme os desígnios da Reforma do Ensino.

Para o arquiteto Maurício Castro, da Assessoria de Planejamento e Professor da Faculdade de Arquitetura da U.F.Pe., entretanto, o trabalho já está iniciado com a elaboração dos projetos. Nos últimos dias, ele vem trabalhando exaustivamente para que as obras sejam iniciadas no prazo previsto.



Graças a um empréstimo levantado pelo Governo Brasileiro para o Ministério de Educação e Cultura — cuja primeira parcela para a Universidade Federal de Pernambuco é de US\$ 4.800.000 — a construção de todas as obras deixará de ser apenas um sonho para se transformar numa realidade invejável.

Estão previstas construções de obras de fundamental importância para a Universidade Federal de Pernambuco. O Departamento de Medicina Social e Odontologia, por exemplo, deverá estar pronto até outubro do próximo ano, assim como o Núcleo de Processamento de Dados e Microscopia Eletrônica. Também serão construídos o Centro de Artes e Comunicação, Centro de Educação e Almo-xarifado.

Além disso, será realizado, também, um trabalho de infra-estrutura, destacando-se: saneamento do Campus Universitário, complementação do revestimento do Riacho Cavouco e a ampliação da iluminação pública em toda a área do Campus, para oferecer maior segurança ao estudante.

DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA

Segundo os projetistas das novas obras da

Universidade Federal de Pernambuco, a Faculdade de Odontologia encontra-se instalada num prédio que não atende mais às exigências e modernas técnicas do ensino odontológico, localizado em setor distante do Campus Universitário, às margens do canal Derby/Tacaruna. Pode, por exemplo, ser atingida pelas cheias que, por vezes, ocorrem no Recife.

No Centro de Ciências da Saúde, a ser construído no Campus da Universidade Federal de Pernambuco, haverá disponibilidade de área e sua instalação é considerada fundamental. A obra custará cerca de Cr\$ 2.541.000,00 e ocupará uma área equivalente a 2.130m².

NÚCLEO DE PROCESSAMENTO DE DADOS

O aumento de produtividade do Núcleo de Processamento de Dados da Universidade Federal de Pernambuco, a implantação do Serviço de Informações Administrativas e a próxima instalação, graças ao auxílio do Banco Nacional do Desenvolvimento, de um Sistema B-6700 ou similar, tornam quase que inaceitáveis as atuais instalações do Núcleo.

O programa físico apresentado no projeto contempla o Núcleo de Processamento de Dados com instalações estritamente necessárias ao seu funcionamento. O custo aproximado da obra está calculado em Cr\$ 1.542.000,00 e sua área compreenderá 1.243.00m².

LABORATÓRIO DE MICROSCOPIA ELETRÔNICA

Diversos setores de pesquisas da Universidade Federal de Pernambuco vêm demonstrando a necessidade de implantação do Laboratório de Microscopia Eletrônica para aprofundar a sua capacidade de busca científica.

A rigor, o Laboratório de Microscopia Eletrônica será útil para os setores: Antibióticos, Micologia, Nutrição, Química, Centro de Energia Nuclear, Engenharia, Medicina e Geociências.

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

O Centro de Artes e Comunicação da UFPe. tem como objetivos o desenvolvi-

mento das atividades de ensino, pesquisa e extensão nas áreas de Arquitetura desde o Planejamento Físico até o intensivo estudo das Edificações; Comunicação Social e Visual, compreendendo Artes Plásticas, Ciências, Música, Desenho Industrial, Licenciatura de Desenho, Letras e Biblioteconomia.

O Centro de Artes e Comunicação deverá entrar em funcionamento em 1975, e abrigará cerca de 2.650 alunos em nível de graduação, extensão e especialização. Sua área será de 10.995.00m².

CENTRO DE EDUCAÇÃO

O Centro de Educação, unidade de ensino, pesquisas e extensão da Universidade Federal de Pernambuco, compõe-se de: Departamentos Sócio-Filosóficos da Educação, Psicologia e Orientação Educacional e Aprendizagem, Departamento de Administração Escolar e Planejamento Educacional, Colégio de Aplicação, Departamento de Ensino de Ciências do Nordeste — CECINE — e Departamento de Recursos Audio-visuais.

O Centro de Educação abrigará cerca de 900 alunos e sua área é de 6.969m².

Arquiteto ressalta importância das obras

Para o arquiteto Maurício Castro, da Assessoria de Planejamento e Professor da Faculdade de Arquitetura, o Hospital das Clínicas — que passará a se denominar Hospital Universitário — não será construído juntamente com as outras obras porque é uma "obra muito vultosa e a UFPe. ofereceu uma alternativa ao Governo Federal: financiamento de banco estrangeiro diretamente à Universidade, cabendo ao Governo apenas o aval".

Sallentou que o "Governo estuda no momento esta proposta". O custo do

Hospital Universitário está calculado em cerca de 20.000 dólares. Dessa forma, a Universidade espera ainda poder iniciar a construção do Hospital Universitário no início do próximo ano.

Importância

Segundo Maurício Castro, a construção das novas obras é de grande importância para a Universidade. Considera, por exemplo, as obras de saneamento uma grande necessidade, levando-se em conta que a UFPe. conta hoje com cerca de 11.000 alunos.

Entre as obras de infra-estrutura, entende que a ampliação da rede de iluminação pública é de importância considerável, porque vem a oferecer maior segurança aos estudantes do curso noturno, além de possibilitar a utilização, à noite, do Centro Esportivo.

A construção das novas obras possibilitará a concentração do maior número de unidades da Universidade Federal de Pernambuco dentro do Campus Universitário, inclusive, atendendo às exigências da Reforma do Ensino.

Hospital Universitário será logo construído

Quando, em 1950, surgiram as primeiras edificações que resultaram no aparecimento do Campus Universitário, também era iniciada a construção do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco. Projetado pelo arquiteto italiano Mário Russo — também projetista do Campus Universitário — as fundações e estruturas do projeto foram executadas pela empresa Borrión S.A.

O projeto do Hospital, entretanto, sofreria sua primeira reforma em 1959, através de trabalho elaborado por outros dois arquitetos. As modificações foram executadas pela firma Formisa. Entre-

tanto, em 1960, todo o trabalho repentinamente cessara. Apenas o prédio A, totalmente construído, passaria a ser utilizado pela Escola de Engenharia da UFPe.

Dentro dos próximos meses, a construção do Hospital das Clínicas — a ser denominado, agora, Hospital Universitário — será reiniciada. O trabalho deverá estar concluído dentro de 28 meses e terá, além de moderníssimo equipamento médico, cerca de 420 leitos. O equipamento hospitalar do Recife é considerado precário, pois compreende atualmente 5.139 leitos, quando seriam necessários 7.552. Dessa forma há uma falta de 2.413 leitos na capital pernambucana.

Atualmente, o ensino prático de Medicina é feito no Hospital Pedro II, situado nos Coelhos, distante do Campus Universitário cerca de 12 quilômetros. As instalações do Hospital Pedro II são consideradas precárias e incapazes de atender às exigências das modernas técnicas das ciências médicas.

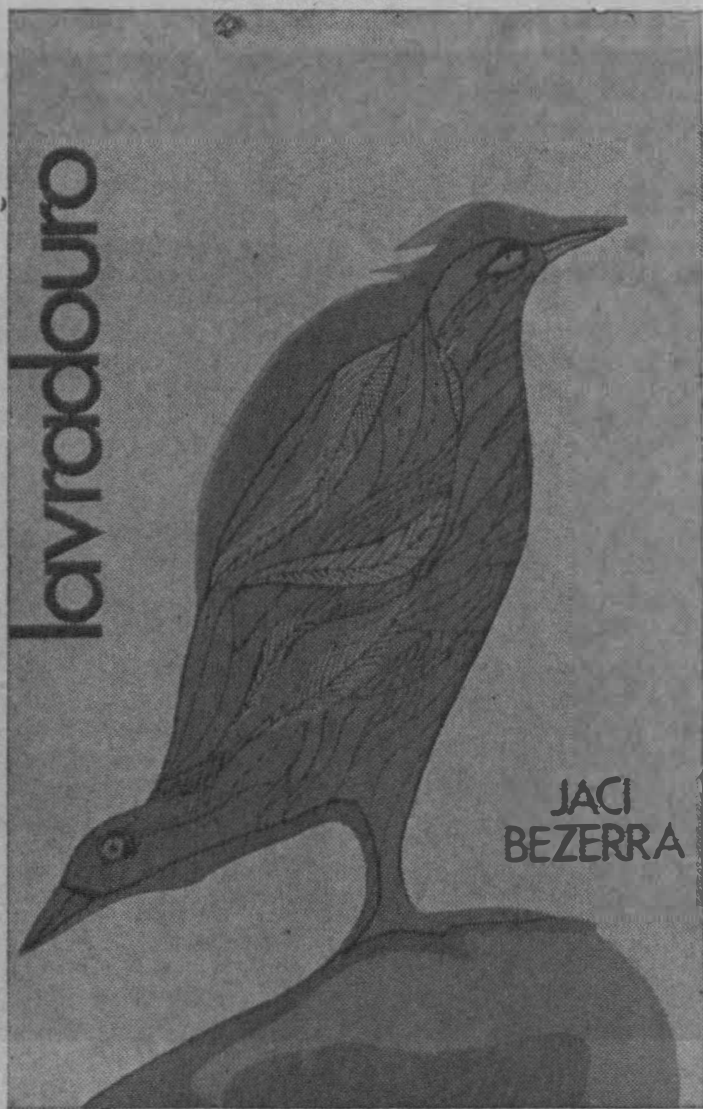
Daí a construção do Hospital Universitário ser considerada, hoje, como imprescindível a uma necessidade urgente. Os objetivos do Hospital são sobretudo: abrir maiores facilidades para o trabalho de pesquisa e melhor atendimento aos doentes.

Assinado contrato para a construção do Parque

A Universidade Federal de Pernambuco acaba de assinar contrato com Plínio Cavalcanti & Cia. Ltda. para a execução das obras do Parque Aquático do Centro Esportivo da Universidade. O preço global do trabalho é de Cr\$. 1.241.740,00. As obras deverão ser concluídas num prazo de 150 dias corridos.

A conclusão dessa obra é de grande importância pedagógica, tendo em vista que Educação Física e Recreação são disciplinas obrigatórias nos cursos universitários, além do funcionamento do curso superior de Educação Física da UFPe..

O Parque Aquático da UFPe. será composto de Piscina Olímpica, Vestiários, Arquibancadas, Casas de Bombas e Filtros, Conseqüentemente novas modalidades de práticas desportivas serão oferecidas aos alunos.



Crucificação

JACI BEZERRA

Sol ouro ave maria
castiço ramo de água
a maria amar ia
acesa e terna mágoa
sol ido sol chagado
dói crucifixado

Atado não chagado
tão doce oura da mágoa
cristo à cruz fixado
de sol de vidro de água
se mar fosse mar ia
a maria amar ia!

Cântaro derramágua
trêmula ramaria
clara flor à flor d'água
a dor messe maria
de cor ardo a dor nado
sol e crucificado

Não cabe minha mágoa
no ser crucificado
tranço dourada água
corpo à cruz fixado
se a mim se dá maria
abrasso a ramaria

Fixo amor fixado
na acesa ramaria
curvo o selo curvado
cruz o amor de maria
sol abrasando a mágoa
maria de sol dágua

Também de sol veria
o casto amor chagado
não me fosse maria
doe bens o mais amado
ramo de azul de mágoa
doendo dentro dágua.

Sobre o Retrato de um Cavaleiro

SEBASTIAO VILA NOVA

No estandarte nas mãos do Cavaleiro,
sobre a pedra do Reino, reina o Sol
e o bravo Cavaleiro ensolarado
que nos campos do Sol foi combater.
Os metais sobre as cores, cores puras
— a sombra não tem pouso em teu Reinado —
e a cor sobre os metais é lei suprema
o ofício verdadeiro que te foi
dado exercer, embora poucos saibam
que das cores possuis toda a ciência
e que o sábio Quaderna iniciaste
nas coloridas cartas desta Vida.
Verdade verdadeira, a Vida é jogo,
baralho onde rainhas, reis, valetes,
das copas da Paixão a cor mais rubra
e o brilhante amarelo da Fortuna
se cruzam sob as leis de uma Canastra.
Nos campos do teu Reino, pedra e Sol,
as paredes de prata da fazenda,
os seis dourados pães no campo azul
que o príncipe estrangeiro nos legou,
as cabras, o pastor no raro verde
e o vermelho da cabra no dourado
dos campos de teu Reino, pedra e Sol.
Nos campos do teu Reino um Sol impera:
antes morrer lutando que manchar-se,
a lei que o Cavaleiro te ensinou.
Nos campos do teu Reino, o Sol, a pedra,
o bravo cavaleiro ensolarado
e uma fera estrelado sobre o sangue
no estandarte nas mãos do Cavaleiro.

Arte & Tempo

ANGELO MONTEIRO

No "Retrato do Artista quando Jovem", de James Joyce, existe não somente a descrição psicológica de um mundo que se perdeu, mas uma preservação que guarda, em sua pureza, por meio de um processo de decantação estilística e existencial, a mesma força que as situações tinham em sua origem sem que nenhuma reflexão crítica posterior viesse desfigurá-las para que, desse modo, possuísemos não essa captação, que o livro nos dá, e sim uma versão desfigurada das mesmas. A linguagem como que acompanha o desenvolvimento físico e psíquico de Stephen Dedalus, desde a infância à adolescência passada em Conglows e em Belvedere, dois colégios jesuítas, até sua entrada na Universidade e a posterior saída de Dublin. O começo do livro nos lembra o princípio de todos os livros de contos infantis, ao passo que nas últimas páginas como que se opera uma espécie de ruptura com a forma estilística, entre narrativa e psicológica, adotada por Joyce.

Se observarmos melhor, entretanto, veremos que não sucede ruptura alguma: há, pelo contrário, dentro do critério adotado por Joyce de fazer adaptar a linguagem às exigências narrativas e sobretudo psicológicas, como que uma consonância, não somente teórica como formal, através da expressão estética, neste o mundo unitário da formação recebida por Stephen Dedalus dos jesuítas e as influências do mundo exterior, que aparecem caracterizadas pelo caráter fragmentário das últimas páginas, onde a linguagem demonstra refletir, na descontinuidade, às vezes desconexa, de um diário, o choque operado em Dedalus quando veio a crise da fé e a consequente desconfiança a toda formação que ele recebeu. Descrença, ou antes o encontro com uma nova situação? Este é um problema que, somente quem passou por idêntico processo, saberá responder.

O "Retrato do Artista quando Jovem" não é, por isso, simples romance autobiográfico, narrado na terceira pessoa, que se solucionasse num mero registro de fases do personagem; nem, ainda, a restauração ou a recuperação de um mundo perdido, porém o próprio ato de apreensão originária, abstraída de soluções posteriores, que Stephen Dedalus, que é também o esteta, a encarnar o próprio Joyce, parece exigir de uma verdadeira obra de arte. É, sobretudo, o retrato de um artista enquanto excepcionalidade de um indivíduo marcado agudamente por uma sensibilidade em que também o ético e o estético, e não apenas o instintivo, transpostos para o plano existencial, apresentam-se como componentes inseparáveis em sua compreensão radical do mundo. O livro traça um roteiro dessa estranheza inerente ao artista ou àquele a quem foi dado responder ao clamor de uma Voz que a princípio não compreende, nem depois, nem jamais compreenderá, mas que, talvez por isso mesmo, terá de ser aceita no mistério de sua própria incompreensibilidade: "Palavras que não compreendia, repetia-as para si mesmo até que as houvesse aprendido de cor; e era através delas que ia tendo vislumbres do mundo real à sua volta. A hora em que também ele deveria tomar parte na vida desse mundo parecia já desenharse próxima e em segredo começava a se preparar para a grande parte que sentia estar a sua espera, e cuja natureza só obscuramente ele apreendia". E depois de recolher tal clamor o artista não saberá mais brincar, por já ter perdido a inocência, porque sentindo-se ar-

tista já não será o incontaminado de antes, mas o perturbado de hoje e de sempre: "Não queria brincar. O que queria era encontrar no mundo real a imagem dessa substância que a sua alma constantemente baralhava. Não sabia onde a descobriria, nem como; mas um pressentimento o advertia sempre de que essa imagem, sem nenhum ato aparente seu, lhe viria ao encontro". Essa Voz, sendo possessiva, exigirá a separação ou o aniquilamento de todas as outras vozes, e Stephen Dedalus fatalmente será tido como alguém para quem a frieza intelectual substituiu o calor da existência. Na verdade se trata do caráter seletivo exigido por toda verdadeira experiência artística que, em sua singularidade, clama pela exclusão de todas as vozes exteriores, se estas vierem solapar, quando não destruir, a intuição original recebida pelo artista, intuição que ele terá de desenvolver e resolver sozinho, fora de quaisquer polaridades em que normalmente se dividem as posições mundanas, quer ideológicas, quer políticas, quer religiosas; o artista não podendo ficar à mercê dos fanatismos confessionais ou das definições partidárias, e não devendo, por tal razão jamais particular de nenhuma coisa que esteja em conflito com seu próprio instinto criador: "E era o clamor de todas essas vozes soando falso que o fizera parar irresolutamente na perseguição de fantasmas. Dera ouvidos a tais vozes apenas por pouco tempo e, no entanto, só era feliz quando estava longe delas, muito distante de seu apelo, sozinho ou na companhia de camaradas fantasmas". Tal distância, para não dizer impossibilidade, em que deve encontrar-se sempre situada a missão predestinada do artista, poderá ser tomada facilmente, em sua ausência de participação, como manifestação de superioridade, ou até mesmo de velhice espiritual, quando não representa de fato outra coisa senão a perspectiva atemporal, inseparável de todo artista quando verdadeiro: "O seu espírito parecia muito mais velho do que o deles; brilhava glacialmente sobre as disputas, venturas e saudades deles, como uma lua sobre uma terra mais jovem".

O "Retrato do Artista quando Jovem", na sua grandeza, não representa a psicologia de qualquer indivíduo aberto a veleidades artísticas, num certo momento de sua existência: porém, com muito maior transcendentalidade, uma fenomenologia do criador e do ato de criação: o ser e o fazer na arte formando uma unidade, de tal modo inseparável, que o tempo não representaria uma solução para esse encontro entre a criação e o criador. Esse encontro, parecendo se dar, para Stephen Dedalus, através do sensível, com a visão de uma moça na praia, que sorria à medida que estava sendo por ele contemplada; tal contemplação estando acima do desejo de Stephen, enquanto contemplador, e do pudor da moça, enquanto objeto contemplado; estando ainda acima dos gritos dos seus companheiros e do rumor das ondas sobre ela. Esse encontro representando, acima da temporalidade do fato estético, a atemporalidade que, além do fato, constitui o privilégio de toda visão de arte. E James Joyce foi um desses raros que conheceram o que isso pretende significar. Pois é justamente isso que, através do diário de Stephen Dedalus, ele nos comunica: "Michael Robartes recorria as belezas esquecidas, e quando seus braços envolvem o seu contorno, o que ele está apertando em seus braços é a beleza que desde muito se esvala deste mundo. Isso não. Absolutamente. O que eu quero é apertar em meus braços a beleza que ainda não veio ao mundo".

Espíritos do Ar

JOSE CARLOS TARGINO

Quando a luz da terceira morada subiu ao oitavo céu, duas aves, mergulhando na terra, cingiram seus rostos. Logo suspiraram por uma estrada escura, numa hora incerta, e a primeira ave, de alta plumagem, disse algumas palavras com a voz travessa: "Diana, apronta teu arco com zelo, sonolenta, e vem a mim, que te guio". Depois que se passaram duas ou mais horas consteladas, o espírito sensato, habituado entre os suspiros. E qual vigia das horas consteladas, o espírito sensato maravilhou-se com o juízo da aurora cadente.

Quando a luz da terceira morada subiu ao oitavo céu, Odisseu, filho da aurora cadente, chamou Diana, a de menos alta plumagem, e disse algumas palavras com a voz travessa: "Diana, apronta teu arco com zelo, sem danação, e vem cuidadosa. Adiante fica o agourento reino da névoa". Assim Odisseu, o de mais alta plumagem, saiu com passos de nuvem, igual a andante branco levantando do leito. E Diana nem uma vez tremeu-lhou do seu guia. Depois que se passaram duas ou mais horas consteladas, o espírito sensato aguçou seus olhos, na sua própria giração, e habituado entre os suspiros. E qual vigia das horas consteladas, o espírito sensato passou do centro à borda da água, nas boníssimas ondas repousando.

Quando a luz da terceira morada subiu ao oitavo céu, os personagens então chegaram àquela parte da aurora composta de névoa. Por isso Odisseu, o de mais alta plumagem, disse algumas palavras com a voz travessa: "Diana, eis os carros de proa elevada. Desce comigo, ó ente de rosto sanguíneo, antes que assolem metade da terra iluminada, ou desapareçam como a espuma sigilosa". Odisseu pensou nas duas sombras daquela passagem, uma interrompendo a outra, e saiu para o lugar onde devia estar uma torre redonda, em cujo vestibulo viviam sete falcões enfiurecidos. Diana, a de menos alta plumagem, retomou sonolenta as pegadas do guia. Depois que se passaram duas ou mais horas consteladas, o espírito sensato, na sua própria giração, habituado entre os suspiros.

Quando a luz da terceira morada subiu ao oitavo céu, os personagens atravessaram uma pequena charneca merencórea. Novamente Odisseu, o de mais alta plumagem, disse algumas palavras com a voz travessa: "Diana, eis os carros de proa elevada. Desce e observa à direita, sonolenta, que esse som nunca procede da lua, e sim da terra sigilosa". Diana, a de menos alta plumagem, moveu seus punhos de púrpura; sua cabeça tomou a forma de uma maçã de meia idade, até que o guia desaparecesse na névoa. Depois que se passaram duas ou mais horas consteladas, o espírito sensato aguçou seus olhos na sua própria giração, e viu a segunda ave mergulhando na névoa, acima da espuma iluminada.